



Sabrine Amalia Antunes Schneider

**SOBRE *BELAS ADORMECIDAS* E FEMINISMO: ANÁLISE DE
UMA NARRATIVA DE STEPHEN E OWEN KING**

Passo Fundo, abril de 2021

Sabrine Amalia Antunes Schneider

**SOBRE *BELAS ADORMECIDAS* E FEMINISMO: ANÁLISE
DE UMA NARRATIVA DE STEPHEN E OWEN KING**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Fabiane Verardi.

Passo Fundo

2021

CIP – Catalogação na Publicação

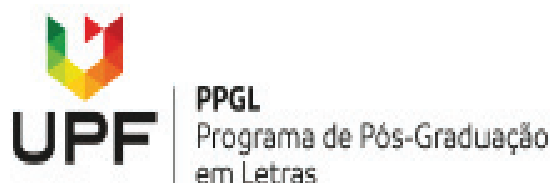
S358s Schneider, Sabrina Amalia Antunes
Sobre Belas Adormecidas e Feminismo [recurso eletrônico]: análise de uma narrativa de Stephen e Owen King / Sabrina Amalia Antunes Schneider. – 2021.
910 Kb ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Verardi.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2021.

1. Análise do discurso literário. 2. King, Stephen, 1947-. Belas adormecidas - Crítica e interpretação. 3. King, Owen, 1977-. Belas adormecidas - Crítica e interpretação. 4. Feminismo. 5. Teoria literária. I. Verardi, Fabiane, orientadora. II. Título.

CDU: 82.09

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569



A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

**"SOBRE BELAS ADORMECIDAS E FEMINISMO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA DE
STEPHEN E OWEN KING"**

Elaborada por

Sabrine Amália Antunes Schneider

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva"

Aprovada em: 19 de abril de 2021
Pela Comissão Examinadora

Profa. Dra. Fabiane Verardi
Presidente da Banca Examinadora
Orientadora

Profa. Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Profa. Dra. Cleide Antonia Rapucci
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino
Universidade de Passo Fundo

AGRADECIMENTOS

A toda chance que surgiu para a mudança.

Ao espírito curioso que mantém a minha direção na pesquisa.

À literatura, que sempre soube, de alguma forma, estar conectada aos meus sentimentos e valores.

A todas as pessoas que viram a importância de depositarem crença na minha jornada e, ao meu lado, caminharem comigo.

Ao todo do curso, que forneceu respostas às questões levantadas, aos conhecimentos ainda não aprendidos, às palavras de conforto e à bolsa concedida para que este trabalho fosse realizado.

À minha orientadora, que apoiou desde o início a minha vontade de pesquisar sobre o autor Stephen King; a ele, por ter escrito e ainda continuar na criação de histórias que possibilitam a contemplação, mas também a investigação literária.

À banca de qualificação, que possibilitou novas descobertas para a complementação deste trabalho.

Aquela que, ao ditar citações dos livros, dispôs de seus ouvidos atentos nas minhas leituras e escritas, tornou-se minha primeira leitora e sempre impulsionadora nessa trilha. Obrigada, mãe, por ter sido mais que materna, ser minha luz. Te amo tanto desde o primeiro olhar. Obrigada por sempre acreditar em mim. E, no meio de um cenário hostil e imprevisível, ter o privilégio de finalizar esta pesquisa, amparada pela fé e pela esperança de auxiliar, de alguma forma, para o desenvolvimento social.

Em dedicação a todos que conheço e àqueles que não terei a oportunidade de conhecer. Não serão números, serão lembranças a todos que os amam.

A representatividade é vital. Sem ela, a borboleta, rodeada por um grupo de mariposas incapaz de ver a si mesma, vai continuar tentando ser mariposa – *representatividade*. (Rupi Kaur)

RESUMO

Pela leitura, o leitor adentra em mundos distantes, distópicos e fantásticos. Por ela, a leitora reflete-se pela subjetividade intrínseca dos personagens. Pela literatura, vê-se o social pela escrita atemporal que espelha o contexto de seu autor. Por eles e elas se fez/faz a história da sociedade e da literatura. Ao considerar a literatura como um reflexo social, esta pesquisa tem como objetivo geral buscar na História das mulheres e nos pressupostos feministas abordar o tema dentro da narrativa ficcional *Belas Adormecidas* (2017), dos autores Stephen e Owen King. Os amparos teóricos da historiografia da mulher basearam-se nos estudos de Perrot (2005), da compreensão de uma dominação masculina pelas palavras de Bourdieu (2012), além das considerações a respeito de Paglia (1992). Pelo viés feminista, os estudos de Pateman (1993), Hooks (1981, 2019), Tilly (2007), Oliveira (2013), Haraway (1991) e Arruzza (2015, 2017) se tornaram os pontos teóricos trabalhados nesta dissertação. Quanto aos elementos narrativos para a análise, a compreensão do todo romanesco e dos personagens fez-se alusão aos escritos de Lukács (2009), Forster (1998), Adorno (2003), Brait (2002), Fischer (1983), Kundera (1988) e Candido (2011). A pesquisa caracteriza-se como teórica, tendo em vista seus objetivos como explicativa e seu procedimento como bibliográfico, classificando-se como qualitativa quanto à abordagem do problema. Ao analisar o *corpus* da pesquisa, constatou-se a relação entre a história feminina e os conceitos feministas correlacionados ao patriarcado dentro da narrativa, sendo possível a verificação da neutralidade autoral sobre as ações do enredo que apontaram o que aqui se definiu como sexismo estrutural, base patriarcal ainda internalizada no imaginário social.

Palavras-chave: Teoria feminista. Stephen King. Teoria literária.

ABSTRACT

By reading, the reader enters distant, dystopian and fantastic worlds. Through it, the reader is reflected by the characters' intrinsic subjectivity. Through literature, we see the social through timeless writing that reflects the context of its author. For "hes" and "shes" was/are made history, society and literature. When considering literature as a social reflex, this research has, as a general objective, to search the history of women and feminist assumptions to approach the theme within the fictional narrative *Belas Adormecidas* (2017), by the authors Stephen and Owen King. The theoretical support of the historiography of women was based on the studies of Perrot (2005), on the understanding of a male domination by the words of Bourdieu (2012), in addition to the considerations regarding Paglia (1992). From a feminist perspective, also addressing the studies of Pateman (1993), hooks (1981, 2019), Tilly (2007), Oliveira (2013), Haraway (1991) and Arruzza (2015, 2017) became the theoretical points too worked on in this dissertation. Regarding the narrative elements for analysis, the understanding of the whole novel and the characters was alluded to the writings of Lukács (2009), Forster (1998), Adorno (2003), Brait (2002), Fischer (1983), Kundera (1988) and Candido (2011). The research is characterized as theoretical, considering its objectives as explanatory and its procedure as bibliographic, being classified as qualitative in terms of addressing the problem. When analyzing the corpus of the research, it was found the relationship between female history and feminist concepts related to patriarchy within the narrative, making it possible to verify the authorial neutrality about the plot's actions, which pointed to what was defined here as structural sexism, a patriarchal base still internalized in the social imaginary.

Keywords: Feminist theory. Stephen King. Literary theory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O SER FEMININO E O SER FEMINISTA: HISTÓRIA E TEORIA	12
2.1	O SER FEMININO: TRAJETÓRIA PELA MARGEM DA HISTÓRIA	14
2.1.1	Sob o ângulo feminino da criação: Jardim do Éden e divindades pagãs	15
2.1.2	Nas sombras, o seu papel: a partir de 1800, espaços da mulher	19
2.1.2.1	<i>Priva-se a mulher, prioriza-se o homem</i>	21
2.1.2.2	<i>Passos ao público: sem submissão, sem passividade</i>	23
2.2	O SER FEMINISTA: DA TEORIA DA IGUALDADE À LUTA PELA EQUIDADE	30
2.2.1	Ser do patriarcado: sexismo instaurado	30
2.2.2	Ser capitalista: influência do capital nas feministas	36
3	VER O ROMANCE: SOBRE ANÁLISE E TEORIA	40
3.1	VER O ROMANESCO: TIPOS E EFEITOS	40
3.2	VER OS PERSONAGENS: ENXERGAR IDENTIDADES	47
4	SOBRE (B)ELAS: SOCIEDADE ADORMECIDA?	53
4.1	SOBRE EVA(S): ENQUANTO VIVER FOR AMAR (E SOFRER)	53
4.2	SOBRE A SOCIEDADE ADORMECIDA: UM SEXISMO ESTRUTURAL ..	55
4.3	SOBRE A COMUNIDADE DELAS: UMA DESCONSTRUÇÃO PATRIARCAL	59
5	CONSIDERAÇÕES: DAS CERTEZAS FEMINISTAS, PALAVRAS FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

A investigação em busca de respostas configura a principal capacidade do profissional da pesquisa, que movimentando questões ligadas à construção da sociedade como um todo. Nessa prerrogativa, há o ato investigativo em si e também a descoberta do autor em se ver inserido na pesquisa como sujeito que se conecta com a intensidade e, por que não, paixão. Dessa forma, a pesquisadora se inseriu no universo das investigações, em que uma situação meramente suposta se alinha com a história e a identidade feminina em uma narrativa ficcional. Aqui, abro voz à primeira pessoa, pois falarei de minhas conduções neste trabalho.

Quando somos apaixonados pela leitura e tudo que o poder das palavras promove, não há como separar por inteiro seu trabalho e sua paixão. Quando percebi minha vocação presente com a literatura, não pude me ausentar das ideias que dela surgiram; nesse ambiente literário, deparo-me com experiências de outros leitores e anseios de poder transmitir valores tão necessários em nossas vidas. O ato de ler movimentando as ideias, ultrapassa fronteiras e humaniza o ser. Além do puro sentimento que a literatura propõe, quando encontramos uma ideologia, uma filosofia de vida, a intenção de seguir firme na pesquisa motivou-me ainda mais.

Dessa forma, o objetivo de pesquisa consiste em analisar o livro *Belas Adormecidas*, dos autores norte-americanos Stephen e Owen King. Trata-se de uma proposta de realidade ficcional sem o sexo feminino, pois as mulheres acabam dormindo e não acordam mais devido a circunstâncias a serem exploradas no decorrer da narrativa. Com ainda mais motivos para encarar essa obra como uma análise teórica, os autores do livro conseguiram apresentar situações a serem observadas pelo contexto da teoria feminista, pois somos apresentados a um mundo sem mulheres e a outro em que somente elas constituem sociedade. O objetivo principal torna-se, assim, encarar a análise do enredo pelo olhar da teoria feminista e da historiografia da mulher, compreendendo, também, como a narrativa se constrói pela teoria do romance e dos personagens que a compõem.

A sociedade do presente grita por novas transformações ideológicas, por novas alternativas e visões direcionadas à evolução humana. Se o *homo sapiens* insistir em cometer os mesmos erros da sociedade do passado, estamos fadados a mais longos anos de ditaduras, sobretudo voltadas ao controle da liberdade de expressão, da liberdade de ser quem somos. Uma das maiores transformações do século XX concretizou-se no lugar de

fala¹, em que as mulheres foram tendo, gradativamente, o espaço que antes lhes fora negado. Pensar hoje em quanto da história do sexo “frágil” foi desconsiderada, mostra o quanto ainda precisamos continuar nessa frente de batalha que, após muitas remodelações, tornou-se uma causa maior que feminina. A luta hoje feminista corresponde às minorias, àqueles que não conseguiram ter força para se unir, pois não encontravam um lugar que pudesse lhes dar ouvidos. Todo um movimento político, social, ideológico, psicológico, ético; um movimento que consegue se fazer ouvir pelos meios de comunicação, pela voz dos artistas, pelo cinema, pela política. E pela literatura.

Nesta pesquisa, encontrar em uma ficção fantástica a possibilidade de uma sociedade sem a presença do sexo feminino tornou-se uma inquietação para procurar entender como seria esse mundo e se a obra relaciona a tão recente História das mulheres e os pressupostos da teoria feminista para se firmar ficcionalmente. O objetivo principal centra-se na análise da narrativa pelo olhar da historiografia da mulher e da teoria feminista, juntamente com a estrutura e os personagens que compõem o enredo. Os objetivos específicos são: apresentar os aspectos da História das mulheres, tão recente em termos de documentação e, também, a concepção de patriarcado e a apresentação da teoria feminista; ademais, a teoria do romance de Georg Lukács é a base para a compreensão da narrativa, como também o espaço pertencente aos personagens no livro por teóricos que refletem tal teoria.

Caracteriza-se a presente pesquisa por sua natureza como básica (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51), pois visa a novos conhecimentos sem aplicação prática, ancorada em verdades e interesses universais. Quanto aos procedimentos, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica ao utilizar de matérias já disponíveis e de cunho científico. Dessa forma, por ser exploratória e qualitativa, apresenta tais classificações pelos aspectos em gerar informações de caráter bibliográfico sem quantificar dados e com a interpretação de significados que ainda

¹ Segundo Ribeiro (2020), lugar de fala relaciona-se diretamente com a posição que se encara dentro de um *locus* social. Não depende exclusivamente de estar familiarizado com determinado espaço, mas com aqueles ao qual você se sente pertencido, sem negar nenhuma identidade. A ideia de determinar o lugar de fala partiu das discussões sobre *feminist standpoint*, de um ponto de vista feminista, em que não definia por si um determinado lugar de fala: dentro da teoria feminista, “uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta da sua localização social, vai experienciar gênero de uma outra forma” (RIBEIRO, 2020, p. 60). Por esse ponto do movimento, tornou-se necessária a estruturação do feminismo negro, que deu espaço e voz (lugar de fala) às mulheres negras. Não se trata, portanto, de experiências individuais, mas coletivas, que determinam o *locus* social ao qual, ainda de acordo com Djamila ao citar Grada Kilomba, faz-se necessário internamente nas perguntas: “Quem pode falar? O que acontece quando nós falamos? e “Sobre o que nos é permitido falar?” (2020, p. 77). Assim, quando me refiro ao meu lugar de fala, posiciono-me diante as hierarquias, ao sexismo, estando no lugar onde tenho propriedades para falar, como simpatizo com os demais ideais abraçados pelo feminismo, pois “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia [...]” (RIBEIRO, 2020, p. 89).

dependem de estudos para se firmarem na teoria, possibilitando, assim, o processo analítico da obra em questão.

O trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo contempla o percurso das mulheres e do feminismo, dividindo-se em duas seções: a primeira aborda os tempos da identidade feminina e toda a história registrada, com a inclusão de aspectos bíblicos e documentos que retratam a posição da mulher na sociedade. A segunda seção apresenta o período correspondente ao século XIX e meados do XX, quando as primeiras vozes do feminismo começaram a se manifestar, vindo a criar uma filosofia a ser encarada com necessidade: o feminismo torna-se o foco do discurso nessa segunda parte do primeiro capítulo.

No capítulo seguinte, a narrativa estruturada pelos personagens e pelo enredo carece de amparo teórico cuja construção se orienta pelos fundamentos de Georg Luckás sobre o romance e como se constitui em tal definição para os pontos principais a serem observados no enredo. Dessa forma, buscamos *A Teoria do romance* (2009), do teórico citado, para a compreensão posterior do romance, do mesmo modo que os pressupostos teóricos sobre os personagens para a análise final.

Além de suas vertentes em pesquisas inovadoras perante as formas ideológicas de uma sociedade, concretizar em estudos algo complexo como o lugar de fala das mulheres requer ousadia na tentativa de continuar lutando contra o patriarcado vigente em nosso cotidiano, seja nas falas de governantes, seja no seio familiar, nas notícias alarmantes no aumento de feminicídio e também dentro das empresas, nas diferenças salariais. Ser mulher hoje requer coragem, requer luta para enfrentar os assédios diários, a falta de respeito dentro de casa, a violência doméstica, a liberdade de usar seu batom e sua roupa curta sem a intenção de ser violentada. Esta pesquisa apresenta um porquê, apresenta um pois, que tem ciência de que sua voz não mudará tudo, mas que poderá dar mais um passo contra esse patriarcado desenfreado. Podemos aos poucos parar o absurdo que chega até nós a partir do momento em que somos vítimas das circunstâncias históricas a que fomos submetidas. Podemos não permitir que isso continue para nós e para elas, pelas nossas filhas e pelas nossas netas. Esta pesquisa vai ao encontro dessa ideia de quebrar ainda as correntes, não permitir que fogueiras sejam novamente acesas, que a ciência e a religião conversem em razão, que o senso de igualdade dos homens seja substituído pelo senso de equidade moral, ética e significativa. Ilustrar o que a História apresenta sobre a nossa história em uma ficção pode ser valorativa para entender a ausência de um sexo; sem (b)elas, sem nós, sem eles, não há presença em mundo algum, pois viver em equilíbrio e harmonia está ligado aos gêneros se encontrarem em comum senso de

comunidade. Somos seres sociais, dependemos do outro para expressar os sentimentos que jamais serão calados novamente.

A pesquisa justifica-se, ainda, pela escolha do livro *Belas Adormecidas*, quanto às preferências literárias desta pesquisadora por um dos autores, Stephen King, em que a imersão no universo criado por ele em outros livros sempre manteve o hábito de leitura presente. Com esse livro, tornou-se possível a relação contida na premissa da história com a ausência do gênero feminino, em que a questão a nortear a pesquisa se encontrava na tentativa de relacionar a historiografia da mulher e a teoria feminista vistas na narrativa. Trata-se de uma justificativa baseada em tentar afirmar a necessidade de procurarmos, enquanto sociedade, expandir a ideologia de gêneros que precisam uns aos outros para manter o ciclo da vida em movimento, e, para tal, procurar entender a consciência necessária na relação entre os sexos.

Ao refletir sobre a carência de averiguar tal fenômeno literário e confirmar a ausência de pesquisas vinculadas a uma análise dessa possibilidade no mundo ficcional em questão², o capítulo dois é dedicado à análise da obra *Belas Adormecidas*. O último capítulo aborda os conceitos e conhecimentos contidos na primeira parte teórica sobre as mulheres, vislumbrados juntamente com os pressupostos teóricos acerca do romance, seus personagens e sua sociedade enquanto ficção, postos no enredo escrito por Stephen e Owen King. Dessa forma, procurando ressaltar as personagens femininas, a sociedade, enquanto ausência e presença das mulheres, e uma personagem bíblica são o foco de discussão deste capítulo.

Por fim, as últimas considerações procuram comprovar a questão que norteou a pesquisa e as confirmações pressupostas com sua elaboração. Buscamos compreender tais conceitos a respeito do feminismo, como também seu reflexo na sociedade de hoje, ainda que por meio da escrita de autores homens, pai e filho, que têm o histórico de livros de suspense e terror. Qual a prerrogativa de ambos ao supor essa “realidade” ficcional pela voz que nos calou por anos e como os dois refletem tal voz que se une nessa luta por reconhecimento de gênero, de sexo, de liberdade? Basta olhar para essa tentativa e reconhecer um mundo igual/equal e como nos tornamos indivíduos que precisam de um coletivo de presenças e sentidos. Afinal, somos seres sociais que almejam sistemas socialmente éticos, morais e valorativos, sem que nossa biologia determine nossa capacidade de agir. Capacidade de ir além, de evoluir harmoniosamente.

² O que percebemos no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2020) é o olhar para personagens femininas escritas por autoras, além das perspectivas de análises quanto aos escritos de mulheres. Nada quanto à sociedade escrita por um autor, no caso, dois homens, pai e filho.

2 O SER FEMININO E O SER FEMINISTA: HISTÓRIA E TEORIA

A História das mulheres foi recentemente estruturada por alguns historiadores e acaba sendo impossível precisar todo o papel a que lhe era destinado, pois os registros, realizados por homens, excluía a identidade do sexo feminino e simplesmente a esqueciam, inferiorizando desde aí seu lugar de pertencimento. Hoje, ser feminista, algo tão em voga e recorrente em debates, amplia-se muito além das paredes impostas ao sexo feminino: ser feminista é ser cidadão que se vê em um meio social como qualquer outro, nas mesmas condições, nas mesmas oportunidades, independentemente de seu gênero, seu afeto, sua cor, sua religião. Ser feminista, hoje, ultrapassa as paredes e avança barreiras invisíveis, mas que estão ainda ali, palpáveis, inegáveis, indissolúveis.

Não é possível, hoje, permanecer em uma postura de negação do passado, porque é por meio dele que redefinimos nosso futuro, nossas ações e filosofias de vida alinhadas em busca do bem comum e da tentativa de igualar as posições e identidades em uma sociedade. Essa redefinição de valores vincula-se à História e auxilia na visão de situações que não devem ser repetidas. Afinal, é por meio de desastres e incidentes que poderiam ser evitados que nos dias de hoje podemos reconstruir nossa realidade e passar não somente a refletir sobre ela, mas modificá-la através da informação. Os meios de comunicação ainda mais tecnológicos que nos séculos passados facilitam a abordagem de assuntos relevantes na atualidade, permitindo o acesso ao conhecimento antes aniquilado por regimes totalitários. Como exemplo, a abstenção da responsabilidade não pode ser encarada como instrumento de reflexão, precisamos fazer dessa responsabilidade destinada a nós pela democracia como fonte de luta e poder das minorias, pois somos frutos e usufrutos da sociedade com a qual nos identificamos.

Pela história da mulher, que não pode ser contada sem as primeiras movimentações do feminismo, permitimo-nos rever atitudes e demagogias dos séculos passados que acreditavam ver em nós, mulheres, a fraqueza e arbitrariedade de suas tomadas de decisões. Fala-se, hoje, em uma historiografia feminina que se edificou pelas pesquisas instrumentalizadas por documentos omitidos pelo patriarcado e, depois de muito tempo, puderam ser objetos de investigação histórica de um *corpus* ainda indefinido: o que observar na trajetória feminina? Uma única questão defrontada apresentou uma gama de linhas a serem seguidas, em que a omissão delas em eventos históricos pôde ser vista como fruto de um caminho a ser seguido. Depois de se inserir na ausência como pesquisa para uma história, chegou-se aos relatos,

escritos e orais, encontrados e delicadamente expostos, em que houve a liberdade de escrita por diários, cartas. Porém que voz era essa após anos de repressão?

A constituição e definição dessa História das Mulheres, em maiúsculo, pode ser assim disposta graças aos avanços de incontáveis historiadores que não silenciaram no século XX e encontraram aqui uma vertente de paixão e luta por dignificar as ausentes da história: os porquês de seus silêncios, a razão de sua exclusão, da negação de si.

Cabe diferenciar dois objetos distintos dessa investigação que neste trabalho se farão presentes, mesmo de forma característica do objetivo específico de análise: a história das mulheres e a história do feminismo. De acordo com Louise A. Tilly (1994), os registros sobre a atuação feminina durante os séculos começaram a ser escritos nos anos 1970 e continham somente dados relativos desde 1750, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Dessa forma, o que há como história foi se aperfeiçoando em distintas formas de caracterizar tais períodos e a presença feminina durante os registros da História da humanidade. Por Marc Bloch³ (apud TILLY, 1994), temos a definição da História como a ciência dos homens no tempo, em que ele define, posteriormente, a História das mulheres como a ciência das mulheres no tempo. Uma não se exclui da outra e, para ter uma cronologia feminina, tornou-se necessária a compreensão e retomada da trajetória masculina. No entanto, a História como um todo não pôde se silenciar pelo caminho percorrido por eles até aqui, mesmo que para tal fosse necessária a exclusão das mulheres na história. Entrementes, podemos reconciliar tais objetos de pesquisa quando colocarmos lado a lado essa historiografia, o que não é ainda possível devido a poucos materiais disponíveis para a compreensão de uma história do início dos tempos, somente possível por ser ancorada nas suposições do papel feminino: a submissão, o ser secundário da história.

Ter uma História das Mulheres significa embarcar num ativismo que garantiu, pelo conhecimento, acesso a demandas políticas, sociais e econômicas, além de ressaltar, pelas últimas teóricas feministas, o enquadramento nos padrões impostos pela mídia – movidos pelas indústrias e pelas marcas que as patrocinam. Ainda, segundo Louise A. Tilly (1994, p. 23), “para alcançar seus objetivos tanto no domínio do conhecimento quanto no do político, a história das mulheres tem a necessidade de empregar os métodos de análise da história social, além de usar a descrição e o conceito de gênero”. Para ela, não há como definir uma história

³ Juntamente com Lucien Febvre, iniciou a Escola dos Annales, movimento historiográfico que redefiniu os métodos a construir a história como ciência. Ambos acreditavam em uma nova configuração de se trabalhar com os resquícios do passado, mas sem tratar especificamente em reproduzir uma história em cima do tempo, e, sim, juntamente com o espaço temporal. A consciência coletiva fundamentava a história a ser escrita, mantendo-a, assim, como uma ciência em constante construção.

sem abraçar as primeiras vozes que possibilitaram essa busca por uma trajetória das mulheres; uma história que veja os problemas, analisando e explicando pelos fatos disponibilizados problemas que já se encontram inseridos em uma “agenda histórica” (TILLY, 1994, p. 24) e que clamam uma resolução.

Caminhando historicamente⁴ lado a lado em termos de constituição, a história do feminismo, entretanto, pôde ser caracterizada mais facilmente, pois seus registros datam de precisa correspondência com os avanços para essa luta, passo a passo dado com sabedoria para alcançar as conquistas oriundas da “frente de batalha” social imposta. Ser imposta manifesta-se aqui pela transformação necessária a estilos de vida que ansiavam por mudanças juntamente com os avanços proporcionados pela Revolução Industrial. Se o mundo começava a se adaptar a um novo regime de vida social e econômica, com uma população que aumentava a cada dia, os “esforços” dos trabalhadores não suportavam sustento absoluto nos lares. A entrada das mulheres em trabalhos que condiziam com suas características femininas foi uma inserção no mercado profissional, porém sem tamanho reconhecimento em dois espaços: o trabalho e o lar. Contudo, quais eram seus papéis em uma sociedade marginalizada pelo poder do patriarcado? Como eram tratadas e como permitiam serem vistas? São considerações a serem expostas para a compreensão desse lugar de fala adquirido com astúcia para o nosso presente. Presente este que possibilitou a escrita deste trabalho, que possibilita o conhecimento às mulheres em todas as áreas, sobremaneira de sua história no tempo.

2.1 O SER FEMININO: TRAJETÓRIA PELA MARGEM DA HISTÓRIA

Afirmamos, em nosso dia a dia, o percurso de nossos ancestrais durante séculos de história precisamente demarcados. Utilizamos como fonte de argumentos em nossos discursos e expressamos nossas dores por episódios que nos envergonham de sermos seres dessa espécie, a humanidade. Quando percebemos que somos frutos de conquistas, mas também de muitas injustiças históricas, caracterizamos nosso percurso como obscuro e passamos a interrogar a veracidade de eventos ocultos que elevaram pela história a demagogia masculina como poder universal, excluindo das hierarquias o papel da mulher, mesmo como ser inferior. De acordo com Pinsky (2009), o homem foi tido como “medida da humanidade”, e a partir da

⁴ Ousa-se referenciar com o termo “historicamente”, pois ambas historiografias nascem, de certa forma, parceiras na jornada de emancipação da mulher. Para compreender o significado de luta pelos direitos femininos, precisava-se entender de que forma e por que houve a necessidade de não haver mais silêncios na história. Assim, descobrir como antepassadas foram consideradas e seus modos de viver foi um ponto de partida para compreender e avançar ainda mais em uma guerra recém-iniciada.

necessidade de ser escrever a história do outro lado, somente olhando para biografias e para as evidências da participação feminina em acontecimentos históricos é que se tornou possível ter uma História das Mulheres, e passar a descrever esse percurso.

Apesar de estarmos em um século que abraçou a luta das mulheres, para entender o fenômeno da ausência histórica, foi preciso retomar a anos anteriores, a séculos sombrios, para que a compreensão de que a luta de hoje é firmada em eventos de exclusão, inferioridade e submissão femininas, que somente foram datados por pesquisas sob fatos e relatos do silêncio, ou mesmo da oralidade passada de geração a geração. Alguns pontos, no entanto, sempre estiveram presentes em livros, sendo estes ligados às mitologias, ao paganismo, ao ponto de partida da criação. Não havia como apagar da história o culto aos deuses antigos, aos primevos meios de devoção e fé que se ancoravam na mistificação como fonte de informação, profecias e guias sociais.

Com o cristianismo como maior propulsor da fé e do poder, as divindades e crenças pagãs tornaram-se afrontas a um Deus universal, sendo todas desconsideradas como agentes da espiritualidade dos povos. Por caracterizarem-se como cultos impróprios, não se somaram na sociedade como emancipadoras da fé e lhes foi rechaçado o espaço de história puramente ficcional que ameaçava a fé cristã. Dessa forma, o propagado pela Igreja Católica tornou-se o instrumento de crença inabalável, indiscutível, em tempos do patriarcado, que via hierarquias de poder estruturadas pelo gênero, idade, raça e classe.

As mulheres, como seres férteis que propagariam a humanidade, tornavam-se, assim, submissas aos anseios dos homens; entretanto, havendo espaços que lhes eram sagrados: a Igreja e o lar. Ancoradas nessa fé instaurada, não perceberam que se tornavam, cada vez mais, oprimidas pelas leis de Deus, pois a vontade do Soberano era que fossem fiéis aos seus maridos, a seus pais, à mão clerical que as guiava. No entanto, os arquivos e relatos orais não permitiram que as primeiras divindades fossem esquecidas, como também a possibilidade de uma história não contada pelo cristianismo.

2.1.1 Sob o ângulo feminino da criação: Jardim do Éden e divindades pagãs

Para definir nossa civilização, houve uma distribuição de mitos da criação, em que a ciência aplica por si um início justificado pela lógica, sem ancorar-se em crença alguma de espiritualidade. Caminhando em direção oposta à justificação científica, as religiões ancoram-se em suas próprias versões da materialização da esfera física por sopros de criação divina.

Muitas civilizações edificaram-se por crenças distintas de sua evolução biológica e, por meio da fé, mantinham-se em constante adoração e culto a deuses antigos.

Quando pensamos na origem de tudo, a literatura evoca, principalmente, o mito da criação judaico-cristã, em que o espaço de realização das definições de início se situou no exaltado Jardim do Éden. Partindo de uma compreensão bíblica, o antropólogo social Roque de Barros Laraia (1997) escreveu um artigo, *Jardim do Éden revisitado*, em que aparecem considerações acerca das edições bíblicas investigadas por antropólogos anteriores a ele, que suscitam pontos de inquietação em um texto considerado sagrado, no caso, inalterável.

Nesse discurso proposto por Laraia (1997), temos a visão de incongruências entre capítulos e versículos do Gênesis, que apresentam a suposta ocultação de uma primeira mulher, antecessora à Eva. Essa mulher teria sido criada no exato momento juntamente com Adão, do pó, “macho e fêmea os criou” (GÊNESIS, 1, 27), para ainda enfatizar no versículo seguinte a multiplicação entre ambos, ainda que Eva não havia sido criada da costela de Adão. Em textos apócrifos e no Talmud, há a menção dessa primeira mulher que não ousou se submeter à Adão no sexo, querendo ficar por cima durante o ato. Lilith, a primeira mulher, rebelou-se e voluntariamente abandona o Jardim do Éden, deixando a criação divina interferir ao tomar de Adão um pedaço de sua carne para a existência de uma nova mulher. Para os editores bíblicos, essa afronta de Lilith fora um obstáculo nas criações judaico-cristãs – optou-se pelo apagamento dessa história da criação. Essa atitude de excluir uma passagem sagrada é vista como afirmação do poderio clerical e masculino que condizia com a época de propagação da palavra cristã. As mulheres precisavam compreender seu grau de inferioridade e culpa, pois a mortalidade humana é consequência da ação de Eva ao oferecer a Adão o fruto proibido. De certa forma, conforme Laraia (1997), há aqui duas rebeldias, impostas por um lado demoníaco⁵ ou não, perante a autoridade dos homens, pois, ao se verem providos de sexo e do pudor perante sua nudez, veem-se como seres que praticam pecados e devem manifestar uma moralidade condizente com sua mortalidade.

Ainda em relação à Lilith, o Zohar⁶ apresenta esse primeiro lado feminino da criação como uma energia que acaba por ser separada de Adão e Eva, sendo interpretada como uma divindade que abraça os dois gêneros, masculino e feminino:

⁵ Há interpretações quanto ao papel da serpente no mito da criação: Lilith, descontente com sua substituição, transforma-se em serpente para seduzir Eva a comer do fruto proibido; outra versão apresenta Samael ou Satã como o agente que se transforma no ser peçonhento para que Eva tenha relações e, assim, deixar o veneno do mal perpetuar em seus descendentes.

⁶ Obra cabalística do século XIII, vista como uma “meditação do Velho Testamento”, segundo Barbara Black Koltuv (2017).

As forças da sexualidade, do nascimento, da vida e da morte, do mágico ciclo da vida eram, originalmente, governadas pela Deusa. Com o advento do patriarcado, o poder de vida e morte tornou-se uma prerrogativa do Deus masculino, enquanto sexualidade e a mágica foram separadas da procriação e da maternidade. Nesse sentido, Deus é Uno, ao passo que a Deusa se tornou duas. (KOLTUV, 2017, p. 27).

Existindo as interpretações propostas por Laraia da existência de uma mulher criada juntamente com Adão, caracterizam-se os pressupostos dessa teoria quando se percebe o papel de Lilith como Deusa perante um Deus universal. Dentro dos ditames do patriarcado, não poderia haver vestígios de uma comunhão divina em que um ser feminino aparece ao lado de um Pai como regente da criação do mundo. Um culto a dois gêneros abalaria a estrutura sexista da sociedade da época, sendo condizente a ação dos editores bíblicos de subtrair essa parte do mito da criação.

O papel de Eva durante toda a rebeldia de Lilith ficou demonstrado na sua condição quanto à submissão que lhe foi imposta. Lilith foi excluída dos relatos bíblicos, pois simbolizava a rebeldia, a negação da condição imposta como ser inferior não aparece em Eva: ela permanece a mulher destinada ao primeiro homem, a ter seus filhos, a desfrutar do amor materno, de ser o arquétipo instaurado pela religião.

Eva pode ter suas necessidades satisfeitas numa relação. *Lilith não pode*. Ela tem de fugir. Ela não aceita a dependência e a submissão. Ela não será acorrentada ou enjaulada. Ela precisa ser livre, mover-se e mudar. Ela é um aspecto do ego feminino individualizado que só pode se desenvolver no deserto, sem relacionamentos, sem eros e sem filhos, sempre com ciúme de Eva, que permanece abraçada ao homem. Eva, por sua vez, sente-se acorrentada à Terra pelos homens e pelos filhos, e reflete os ciúmes de Lilith. (KOLTUV, 2017, p. 125, grifo nosso).

Assim permaneceu o arquétipo de Eva como primeira mulher, da mesma forma que sua atuação na expulsão do Jardim do Éden, por vezes considerada culpada pela mortalidade do homem, pelo conhecimento de nossos pecados, pela presunção de pensar em ter o mesmo poder do criador. A cultura propagada pelo cristianismo não deixou que esse papel feminino da rebeldia fosse esquecido e perpetuou por séculos o mal que a mulher sem controle poderia inferir ao seu marido, à sua família, à sociedade como um todo. A culpa, na verdade, sempre foi, e ainda é, da mulher, conforme a história.

Segundo Noguera (2018), investimos muito em nossas crenças nos mitos, depositamos nossa fé e sentimos, por meio dela, a validade da nossa existência. Contudo, há força desses arquétipos ancorados na personificação de deuses e deusas que necessitam de

esclarecimentos, pois fundem-se, por vezes, em determinadas características que não condizem com a figura proposta pela divindade. Por exemplo, as deusas gregas carregam a simbologia para cada propósito imposto à figura mitológica que lhes foi permitida. Héstitia, primeira filha dos titãs, é considerada a dona do lar, presente em todos os lares da Grécia como um pedido à ordem, que deve ser regida pela mulher e por esse papel que lhe foi destinado. Ela ainda é vista como esquecida, de certa forma, pelos demais deuses, simplesmente pelas suas atribuições que não eram necessárias, assim com um pressuposto do esquecimento da dona de casa e sua relevância. Ártemis, como uma deusa da caça e da lua, um arquétipo que representa a mulher amazona, forte e perspicaz, porém com a virgindade intocável por não se entregar a alguém que não a mereça; aqui, uma guerreira não pode ser desposada, somente admirada pela sua grandeza. Por outro lado, Hera, esposa de Zeus, apresenta a passividade da mulher no casamento, com o espírito vingativo após as traições descobertas de seu esposo; um arquétipo de submissão até ter a comparabilidade com outra mulher e ser substituída pelo sexo oposto. Ainda como apontamentos na mitologia de outros pagãos, cita-se essa mulher como ser maligno, como exemplo, as Amazonas que eram devoradoras de carne humana, as Parcas responsáveis pelo corte do fio da vida e as Eríneas vingadoras. Sobrepõem-se mais aspectos da culpa da mulher, porém a virgindade também era motivo de fascínio e adoração.

Um ponto importante tratado por Noguera (2018) reflete-se na história por trás da malignidade de Medusa, um arquétipo feminino inicialmente visto como uma beleza que seduz e faz os homens padecerem diante de tamanha atração. O que Noguera (2018) apresenta se inicia com o que aparece na *Teogonia*, de Hesíodo: o nascimento da mulher é oriundo de uma relação incestuosa, que passa a ser a mais bela deusa aos olhos do deus Poseidon. A investida do deus acaba sendo inválida para a mortal, que não aceita seus galanteios, tornando o deus enfurecido ao passo de cometer a violência sexual. Esse estupro traz uma profunda tristeza e depressão a ela. Ela havia sido escolhida para ser a guardiã de Atenas e, com o sofrimento da imortal, acaba a destituindo de sua condição de divindade e a transforma em górgona, passando, assim, a ser essa figura de malignidade. Entretanto, há um traço a ser observado sobre a trajetória de Medusa que, segundo Noguera (2018), fica perceptível quando compararmos com um mito de nosso século: o mito da beleza acaba sendo a justificativa do estupro de Medusa, pois sua beleza era o fator de sedução que havia ludibriado o deus Poseidon. Outra intensa marca de um patriarcado mitológico justificado: a culpabilidade da mulher está internalizada em sua forma de se postar e, assim, incitar o desejo de posse. A

mitologia grega apresenta as funções que a mulher deve apresentar de acordo com suas deusas e como devem agir até hoje.

Além de suas deusas, pela mitologia grega, temos a primeira mulher: Pandora, criada por ordens de Zeus e agraciada com um dom de cada deus, acaba sendo usada como presente divino a um mortal. Torna-se a mulher objeto e a causa dos males do mundo, devido a sua curiosidade ser maior que sua fidelidade. Pandora acaba sendo reflexo do mal, outro exemplo continuamente usado na Antiguidade que caracteriza o ser feminino como a origem do caos.

Ao refletir sobre a cosmogonia das crenças cristã e grega, percebemos uma linha tênue entre o tratamento dado às mulheres que ou eram submetidas à hierarquia e aos seus deveres enquanto esposa e mãe, ou se rebelavam e passavam a ser exemplos da imprudência feminina, modelos a não serem seguidos, a serem repudiados. Cabe, no entanto, perceber os detalhes que não foram apresentados e que demonstram uma imparcialidade nas histórias, uma aceitação sem questionamentos. Quando percebemos as cargas de repressão contidas na mitologia, a justificativa para a ocultação e diminuição do sexo feminino é datada e fixa-se desde a compreensão da criação do mundo, mitos contados que ditaram, e ainda regem, a fé das pessoas. Utilizando de argumentos divinos, pagãos, bíblicos, foi possível fazer com que a mulher permanecesse no seu devido lugar, às sombras da evolução humana. Tais argumentos não foram os únicos a predominarem no imaginário feminino coletivo.

2.1.2 Nas sombras, o seu papel: a partir de 1800, espaços da mulher

Em termos de historiografia da mulher, Michelle Perrot é a historiadora que se destacou por iniciar, ao lado de muitas outras, uma trajetória pelos registros disponíveis sobre o lado feminino da humanidade. Ela mesma afirma, em *Os excluídos da história* (1988), o papel da Eva consagrada, relacionada a toda maldade e sedução existentes: “A mulher, origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite [...]” (PERROT, 1988, p. 165). Essa mulher ao qual Perrot (1988) se refere é encontrada em dois espaços de constatação: o público e o privado. Até o século XIX, não houve a ousadia de se propor um relato das mulheres na história, pois seu lugar era indiferente à sociedade, em que elas permaneciam, na maioria dos casos, donas de casa que representavam bem seus papéis e espaços que lhes foram permitidos, havendo, ainda, a identidade submissa presente no cotidiano das famílias.⁷

⁷ Os espaços em destaque vinculavam-se ao familiar, cabendo, assim, uma característica sombria nesse lado da história: a desconstituição da mulher pública como ser social.

Perrot (1988) constata o início de documentos vinculados à esfera privada, caso em que a mulher permanece dona de casa, mãe, filha e esposa. São atribuições decorrentes da sociedade que, “naturalmente”⁸, eram impostas, sendo o único destino mensurável à vida feminina. Antes de quaisquer relatos históricos, a mulher é estudada pelo olhar da Sociologia, da Antropologia, da Psicanálise, para depois ter seu papel no tempo, como agente da ação também presente nos séculos. Somente pelas informações que o sexo masculino tinha em mãos é que as mulheres passaram a possuir um estudo voltado ao seu papel na história, algo que não seria possível se somente delas partisse a iniciativa.

Ainda que não houvesse a disposição de escrever sobre a mulher no decorrer da história, devido a evidências de um androcentrismo até mesmo ao arquivar documentos, existiram situações que deixaram o papel feminino em evidência, caso conhecido de Catarina de Médicis⁹, rainha consorte que exerceu grande influência na França de 1500. É a partir de casos isolados que permitem a constatação de eventos liderados por mulheres que o ser feminino é visualizado na história, porém visto como infortúnio que ocasionou no malefício de alguma forma. Elas permaneceram, pelas mãos do patriarcado, as provedoras do mal em suas casas, vilarejos, países, o que não passou de interlúdios para evocar a submissão feminina e o patriarcado regente.

Jean Delumeau (2009), historiador que discorreu sobre os tipos de medo durante 1300 a 1800¹⁰, aponta para um pavor instaurado pelas mulheres, as quais sofreram acusações de feitiçaria, colocando-as em estado de alerta sob as atividades que exerciam no dia a dia. Um ato não usual acaba sendo motivo de suspeitas e tornava-se para o homem uma ameaça, um “medo refletido” (DELUMEAU, 2009, p. 462). Antes exaltada como deusa¹¹, passa-se a existir um tratamento mais rigoroso para ludibriar a postura feminina e mantê-la como criatura imersa em tarefas que não a dispensavam de responsabilidade. Ao ser vista como o elemento materno que representa a natureza e o homem como a história, Camille Paglia (1992) apresenta o ser feminino como instintivo e dionisíaco, enquanto o homem é apolíneo e racional, não permitindo que seus instintos o atrapalhem. Quanto ao seu lado feitiçeira, Delumeau ainda cita o medo exposto pela bruxaria: leis criadas a partir de 1320 condenavam com as mesmas formas da prática suposta ou ainda piores, marcando eventos que se tornaram icônicos na história, como a simbologia inerte à fogueira e os incidentes decorrentes das

⁸ A ser explicado mais adiante, com a autora Simone de Beauvoir.

⁹ Após as ordens dadas a respeito das guerras religiosas, o momento em que governou é relacionado ao terror francês devido à imprudência feminina de reger em seu país.

¹⁰ *História do medo no Ocidente, 1300-1800* (2009).

¹¹ Como os gregos viam a mulher no Classicismo.

execuções em Salem. Todavia, tal pavor instaurado partiu dos pressupostos da Igreja, em que a medicina com ervas e a crença em outras deusas colocavam o catolicismo em questão. E isso era um perigo pela perda dos fiéis, algo presente inclusive na ocultação da primeira mulher no mito da criação. Encara-se o fato de que muitas mulheres que padeceram diante das acusações foram apenas alvo de uma forma de silenciar e manter a fé inabalada, pois deveria existir a crença em um único Deus. Dessa forma, permaneceram os registros quanto ao mal que a população feminina poderia exercer, e seu silêncio deveria tornar-se permanente.

Tendo em vista os dois espaços tidos como objetos de investigação para uma História das Mulheres, compartilha-se a ideia da ausência de fatos datados durante os períodos no tempo, casos ocultados pela ponderação quanto a uma postura emancipatória da mulher que foram, nesse sentido, interrompidos pelo Código Napoleônico; este permaneceu com seu argumento de manter as mulheres em casa, sem direitos relacionados ao posicionamento civil e cidadão, interrompendo um processo que poderia ter iniciado antes da tomada do poder por parte de Napoleão Bonaparte. Esse retrocesso mascara a forma como as instituições, de certa forma, não estavam preparadas para esse avanço de gênero e igualdades, marcando ainda mais os lares como patriarcais e a mulher como uma coisa a ser controlada. No entanto, as investidas em serem vistas e ouvidas não silenciaram por completo essas desbravadoras de espaços, do privado ao público.

2.1.2.1 *Priva-se a mulher, prioriza-se o homem*

Os silêncios que antecederam o espaço conquistado pelas mulheres estavam ligados ao seu perfil de esposa e filha, dona de casa e mãe. Todas as suas lembranças de existência na história permanecem conectadas ao único acesso de escrita que lhes foi permitido: as cartas, os diários escondidos, as memórias praticadas pelos enxovais, pelos álbuns. Suas vozes estavam em retratos, artefatos de família, objetos que diziam muito de quem eram ou de quem almejavam ser. Essas doses de permanência histórica, por vezes, eram seus alicerces no mundo, cabendo, também, o papel de seus anseios, vergonhas, ou de destruição. Se houve habilidades desenvolvidas que não envolviam o fazer doméstico, ou o amor materno, houve aquelas que desenvolveram sua sagacidade, sua forma de ocultarem o que não queriam deixar à mostra. Essa característica pode ser percebida quando objetos e cartas são ainda encontrados em lugares inesperados e todo o acervo de memórias que eles carregam soluciona o papel na sombra exercido por elas.

Nas comunidades locais ou nas aldeias, quem contava as histórias de seus moradores era a mulher, que exercia esse papel como a guardiã das memórias do lugar, atividades que ainda hoje são percebidas pela oralidade das avós ao relatarem os tempos que viveram ainda sobre uma opressão patriarcal que mostrava a imposição de respeito. Perrot (2005, p. 21) observa esse fenômeno como “verbo” ligado à oralidade das sociedades tradicionais que confiavam essa memória a uma mulher permanecendo como um instrumento de investigação e fato histórico.

Exemplo dado por Perrot (2005) sobre a mulher privada recai sobre as filhas de Karl Marx, que viveram nas sombras do pai filósofo. As três moças, Eleanor, Laura e Jenny, possuíam em suas veias o mesmo instinto pensador do pai e debatiam muito com ele, o qual apresenta sua ideia de um socialismo científico que levava ao comunismo. Chamado de marxismo, suas filhas eram eloquentes quanto ao pensamento e o apoiavam indubitavelmente. Embora tenha criado uma das tomadas filosóficas mais discutidas no mundo, Marx negava às filhas o espaço de fala diante de seus ideais, pois elas eram mulheres. O homem que defendia o estado comum a todos não permitiu às filhas um lugar de fala, o qual foi um dos motivos de ampla discussão entre as irmãs em cartas que enviavam mutuamente. A mãe das meninas era motivo de deboche entre as filhas, pois estas afirmavam o papel de subordinada que ela exibía e que havia se contentado em ser somente esposa. As meninas ambicionavam por conhecimentos e sonhos, os quais foram proibidos pelo pai revolucionário com a justificativa de as proteger do mundo machista; elas, comovidas pelo motivo, aceitam o amor protetor e possessivo do pai. Dessa forma, atuaram como tradutoras e revisoras, auxiliaram nas leituras necessárias à construção de um movimento à parte de sua realidade. Seus desgostos quanto às proibições, porém, caíam por terra quando se defrontavam com o absurdo de uma mulher emancipada, dona de sua vida, o que, sem deixarem à mostra, era um sinal de inveja e rechaço à liberdade condicionada pelo amor paterno que possuíam. Uma liberdade em cárceres pré-estabelecidos, em que o destino estava em um casamento com alguém à altura de seu pai, porém não mais intelectual. Suas aversões ao feminismo iniciado na época eram contraditórias ao sentimento que demonstravam nas correspondências, em que transmitiam umas às outras os infortúnios não compreendidos e fixados pelo gênero: como permanecer esposa, dona de casa, se não havia chances de exprimir seus pensamentos, permitidos somente aos homens? Elas se encontravam em um espaço que lhes permitiu a leitura, porém não a escrita. Suas vozes somente se tornaram evidentes pelas cartas que mantiveram a sua existência real.

O modo como Perrot (2005) fala sobre as filhas de Marx se torna um carinho que lhes foi negado, um momento de se tornar oportunas suas vozes e manifestar que a revolução proposta pelo filósofo ignorava por si alguns de seus posicionamentos quanto ao lugar da mulher. Refletido em suas filhas, para Perrot (2005), isso caracteriza suas asperezas quanto ao seu ideal socialista comunista. O quanto houve de silêncios na história é incalculável. Outro caso descoberto pela equipe de Perrot (2005) estava presente na análise que fizeram de diários de uma mulher do século XIX na França. Caroline, como foi chamada, encontrava em seu diário seu único confessor, seu refúgio, sua identidade. O que se constatou é que essa Caroline havia entrado em um convento quando jovem ainda e, ao sair, o diário foi a orientação dada para permanecer em confissão, um “exame de consciência e modo de controle de si mesma” (PERROT, 2005, p. 49) para as reflexões diárias. Foram constatados traços de controle até mesmo na escrita: “O pudor pesa sobre este diário assim como sobre seus pensamentos. Palavra e vida, cativas de um modelo de comportamento, continuam opacas, para nós” (PERROT, 2005, p. 50). Mesmo que contenham a intimidade, é uma escrita que anda com delicadeza e sensatez para falar de si, o que se torna um fator a ser observado quanto à sua veracidade: um instrumento de liberdade que ainda assim a mantém em cativeiro.

O que mais tarde Virginia Woolf (2019) traria afirmativamente como um espaço privado de criação e identidade, o quarto, para Caroline, após sucumbir ao casamento arranjado e estar sempre na companhia de alguém, fossem empregadas ou governantas, a levou a ter sua fuga de anseios, inquietações, a ter uma vida íntima legitimada pelo seu diário em seu espaço de liberdade e cela ao mesmo tempo. Enquanto permanecia suspensa da realidade quando se encontrava sozinha, sofria abusos do marido. Dois significados distintos o quarto apresenta a ela; se ele pode, no tempo certo, ser seu amparo, ela prefere se agarrar a esses momentos fugazes de liberdade condicionada.

Os exemplos oferecidos por Perrot (2005) são uma prova da pouca historicidade acerca da mulher privada, porém de indispensável valia ao notá-la como ferramenta de compreensão da vida feminina. Como mencionado no caso das filhas de Karl Marx, percebemos o trato sensível que a historiadora delineia para seus sujeitos de análise, sendo possível sentir que estamos diante de histórias que não poderiam permanecer nas sombras e como devemos a voz ainda por muitos anos a elas. O que lhes foi negado não pode permanecer oculto, tanto como o trabalho de Michelle Perrot, que não permaneceu em traços privados do feminino, quanto soube apresentar os espaços públicos nos quais elas iniciaram suas caminhadas.

2.1.2.2 *Passos ao público: sem submissão, sem passividade*

Com a ruptura do estado pertencente aos homens e a Revolução Industrial, as mulheres iniciam, pouco a pouco, sua entrada no mercado de trabalho, algo que não excluiu seu trabalho dentro de casa, passando a ser um ponto de ruptura e discussões anos adiante como ideal da luta feminista. No entanto, no momento em que iniciam sua jornada de trabalho conquistando espaços impensáveis, batem de frente com a masculinidade tóxica ao sentirem na pele atos sexistas e terem, também, seus corpos como alvos de assédio. Não bastasse os infortúnios enfrentados até permanecerem trabalhadoras, devem ressignificar seus corpos e posturas para que não sofressem violência verbal e sexual.

Antes de entrar nos motivos que levaram à luta feminista, cabe destacar as primeiras profissões que estavam disponíveis às mulheres: parteiras, enfermeiras, domésticas, operárias da costura ou das tabacarias, trabalhos com características inferentes à natureza feminina, de cuidado, zelo, atenção; atividades que demonstravam a visão androcêntrica e que lhes deixariam satisfeitas (BOURDIEU, 2012). Capacidades julgadas como femininas levaram as mulheres a terem seus primeiros empregos e, assim, irem aos poucos ocupando lugares que exigiam mais mão de obra. As indústrias e fábricas têxteis foram os próximos alvos de trabalho, porém o que se percebia era a baixa remuneração se comparada ao que era ofertado aos homens. Além da opressão sofrida dentro das fábricas, em casa não era diferente, pois começavam a questionar o papel de trabalhadora e dona de casa, que abandonava os filhos para ter dinheiro. O que se pressupunha pelos chefes e maridos é que, se houvesse um destrato ao ambiente e uma remuneração baixa, as mulheres voltariam a seus lares para permanecerem lá. O que aconteceu foi o oposto: muitas acabavam levando seus filhos nas frentes da greve, reivindicavam por melhores condições e salários que condissessem com suas funções semelhantes aos homens.

Sobre a infelicidade da mulher, todos à época falam. Esse estado de infelicidade estaria ligado ao organismo natural que muitos autores pontuavam na época como justificativas de sua ineficiência para o trabalho. O corpo é frágil, as mudanças de humor periódicas e a indisposição levavam à instabilidade e inoperância das máquinas devido à fraqueza corporal. Retornando aos fatores de culpabilidade, seus movimentos de pernas nas máquinas poderiam incitar desejos e causar histeria entre elas e suas intenções poderiam estar vinculadas a isso, desestabilizar os nervos de seus patrões. Como se esperava diante de seu lugar maternal, o desenvolvimento da criança será possível pela capacidade da mãe e seu dever à pátria resume-se a reconstruir o país pelas gestações que pode ter. A necessidade de

reafirmar a mulher como pertence de seu marido e filhos expõe as incertezas da classe feminina de prosseguir atuando no trabalho e, conforme Perrot (2009), a noção de culpa perante seus filhos se torna um elo frágil.

Um resumo de “formas” de mulher é dado por Perrot (2009, p. 100-101) a partir do momento em que compara fogo, água e terra às identidades femininas do século XIX:

Às vezes é a mulher fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa, devoradoras, calcinando as energias viris, mulher das febres e das paixões românticas, que a psicanálise, guardiã da paz das famílias, colocará na categoria de neuróticas; filhas do diabo, mulher louca, histérica, herdeira das feiticeiras de antanho. A ruiva heroína dos romances de folhetim, aquela mulher cujo calor do sangue ilumina a cabeleira e a pele, e por meio de quem a infelicidade chega, e a encarnação popular desta mulher de chamas que deixa apenas cinzas e fumaças. Outra imagem, contrária: a mulher água, fonte de frescor para o guerreiro, de inspiração para o poeta, rio sombreado e tranquilo onde podemos nos banhar, onde lânguida cúmplice dos almoços sobre a relva; mas também, água dormente, lisa como um espelho, estagnada como um belo lago submisso; mulher doce, passiva, amorosa, quieta, instintiva e paciente, misteriosa, um tanto traidora, sonho dos pintores impressionistas [...] Mulher terra, enfim, aquela que alimenta, a fecunda, planície que se deixa apalpar e fustigar, penetrar e semear, onde se fixam e se enraízam os grandes caçadores nômades e predadores; mulher estabilizadora, civilizadora, apoio dos poderes fundadores, sócio da moral; mulher entranha que sua longevidade excepcional transforma em amortilhadora, mulher das agonias, dos ritos mortuários, guardiã das tumbas e dos grandes cemitérios sob a lua, mulher negra do dia dos mortos.

Arquétipos relacionados às forças da natureza, de certa forma, não eximem a relação da mulher como elemento pertencente ao natural, uma força que não pode ser evitada. As palavras de Perrot (2009) se intensificam a cada união de palavras que direciona ao perfil da mulher do século XIX e deixa evidente, de forma sutil, sua postura diante das opressões, das situações impostas inconscientemente ao sexo “frágil” por tantos anos.

Diante de tais identidades, percebemos com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012), em seu estudo sobre *A dominação masculina*, nossa irrevogável inserção em uma sociedade regida por padrões inconscientes estruturados, historicamente, sob o viés masculino. As dicotomias apresentadas pelo autor sinalizam o quanto a sociedade se objetiva por seus opostos, apontando sempre para as especificações de cada um, como são consideradas em relação ao masculino e ao feminino: são de ordem natural e deveriam ser preservadas. A justificativa androcêntrica centrava-se na inferioridade feminina pela anatomia de seu corpo, percebendo-se algumas formas que identificavam o feminino, como a passividade, a interioridade e a sensibilidade. Outras definições na exposição de ritos de

passagem simbolizam a separação com a mãe, ampliando seus atributos, colocando-a em paralelo com a terra, a umidade, a noite e a natureza.

Para o autor, a força masculina se explica pela sua naturalidade, impondo-se de maneira neutra por ser tão comum e se fixar na afirmação constante do funcionamento da sociedade, que apresenta o corpo como realidade sexuada e fator dominante na segregação sexual. Nas palavras de Bourdieu (2012), encara-se o corpo como uma construção social, caracterizando o mundo de forma sexuada pela arbitrariedade na relação da dominação masculina sobre as mulheres. Dessa forma, encara-se essa dominação pura como expressão da honra e da afirmação da virilidade masculina, tendo a posse como ferramenta para atingir tal ponto.

À época, o que se considerava um trabalho de mulher eram as profissões naturais (qualidades inatas, físicas e morais, flexibilidade do corpo, agilidade dos dedos, doçura, ordem), maternais e domésticas que começaram pelas ações caritativas e de socorro de que elas dispunham aos idosos, aos pobres e às crianças. O trabalho social passa a ser um trabalho remunerado. É indissolúvel relatos de uma história do trabalho feminino que não esteja ligada à história da família, pois as mulheres passaram a exercer as funções sexuais e sociais que condiziam com seu gênero no ambiente familiar. A ideia absoluta da ancoragem feminina em suas lutas e existência tornam-se seu freio ou motor, validando-se conforme a mulher se propunha a encarar sua vida. Segundo Bourdieu (2012), a contenção física que submeteu a mulher relacionada ao seu comportamento, a sua postura, a seu vestuário, a sua sexualidade, ou seja, ao corpo disciplinado, faz parte da dominação masculina, tal qual a forma de relacioná-la ao trabalho e às profissões coniventes com sua biologia e inferioridade. Nas palavras do autor (BOURDIEU, 2012), essa imposição teve suas origens com o cristianismo e passou a ser legitimada pelo puritanismo ao reprimir sexualmente as mulheres, principalmente no século XIX.

O medo que elas impunham também era uma característica que Perrot (2009, p. 133) destaca:

Em todos os tempos, os homens tiveram medo das mulheres. A Mulher é a Outra, a estrangeira, a sombra, a noite, a armadilha, a inimiga. A Mulher é Judite ou Dalila, que se aproveita do sono do homem para cortar-lhe os cabelos: a sua força. Este medo ancestral, primitivo, ligado talvez à sexualidade [...], encontra, em cada época, sua expressão própria.

Esse poder é visto como oculto, secreto, encoberto pelas sombras, doce ou maléfico, envolve e surpreende; é um poder ligado à Natureza e aos costumes, tendo de silenciá-la ou

torná-la cúmplice dos homens, exaltando-a, limitando-a e contendo sua influência. Contudo, é possível utilizar o potencial que elas representam pela filantropia e, depois, pelo trabalho social. Por meio das saídas de casa, em que assumem a situação material e moral dos mais desfavorecidos, elas adentram na vida pública e ganham acesso aos lugares que antes não poderiam frequentar. A “maternidade social” (PERROT, 2009, p. 141) passa a ser a mobilização necessária diante do caos: em guerras, epidemias, crises econômicas, problemas urbanos, alcoolismo, tuberculose e prostituição. Elas prontamente se colocavam a dispor da situação que exigia sua atenção e cuidados, não relegando a mais ninguém esse trabalho social. Para elas, o que era realizado dentro de casa poderia ser feito fora também, sem preterir nenhuma recompensa por isso. Entretanto, elas passam a adquirir conhecimentos que não são ensinados em lugar algum, o trato social, o conhecimento da penúria, tornando essas manobras profissionais. Suas atividades são transformadas em empregos subalternos; o auxílio – que antes prestavam de forma filantrópica – agora o reconhece por diplomas que garantem *status* e habilidades.

Nas fábricas e indústrias, as mulheres são duplamente negadas: como mulheres, pela antítese de feminilidade; como operárias, pelo salário inferior, sendo visto como um complemento à renda da família. Sobre as greves: “[...] são ainda uma outra história: uma rebelião insuportável para o patrão habituado à sua docilidade; para a família, uma contrariedade irritante, acentuada pela habitual juventude das grevistas; uma indecência para a opinião pública, [...] uma desordem no espetáculo costumeiro da submissão feminina; um escândalo, em suma” (PERROT, 2009, p. 146).

A ambição de conhecerem outros países proporcionava sonhos e aventuras que elas almejavam vivenciar, contrapondo a ideia que lhes foi apresentada para dissuadir-nas de viajar, como malefícios ao corpo e ao espírito das damas, sendo-lhes proibida, inclusive, a prática da natação por fatores de segregação sexual e social, a indecência dos trajes de banho. Pela religião, iniciaram-se suas aventuras:

No mundo protestante, mais tímida e tardiamente nos meios católicos, a viagem se inscreve na fase final da educação das moças. A prática das línguas estrangeiras lhes abre o horizonte permitido da tradução, possível assunto de mulheres. Ou ainda, elas vão contemplar os tesouros de arte da Itália ou das Flandres que forneceram tantos modelos à sua paciente cópia. [...] [Pelas viagens] elas afirmaram sobretudo a sua liberdade de sujeito: em suas práticas de vestuário e seu modo de vida, suas escolhas religiosas, intelectuais e amorosas. De uma maneira ou de outra, pagando frequentemente muito caro, elas romperam o círculo de enclausuramento e fizeram recuar a fronteira do sexo. (PERROT, 2009, p. 152-153).

Um passo a romper a barreira imposta pelo gênero. Embora tenham sido as responsáveis por muitas reconstituições dos flagelos sociais, acabam se tornando as vítimas de suas lutas. Os ideais de luta se ressignificam pelas violências que passam a sofrer; de agentes, são também oprimidas pelo sexismo que insiste em prevalecer. Uma reforma nos direitos era exigida: “[...] a necessidade de reconhecer o direito de voto para as mulheres para que elas pudessem fazer ouvir seus interesses. Ao ligar direitos civis e direitos políticos, elas mostravam o que era fundamentalmente o direito ao divórcio: o reconhecimento das mulheres como indivíduos [...]” (PERROT, 2009, p. 155). Elas careciam serem vistas e, assim, atingir o comum trato social.

Enquanto lutavam por direitos iguais, não podiam se dar ao luxo de interromperem os trabalhos ainda não remunerados pela sua competência. Nesse movimento, pelas palavras privadas, não deixando suas opiniões e ideais morrerem:

[...] as mulheres falam, inicialmente entre elas, na sombra do gineceu ou da casa; mas também no mercado, no lavadouro, local de mexericos temido pelos homens, que têm medo de suas confidências. O incessante murmúrio acompanha, na surdina, a vida cotidiana. Ele exerce múltiplas funções: de transmissão e de controle, de troca e de rumor. As mulheres contam, dizem e maldizem, cantam e choram, suplicam e rezam, clamam e protestam, tagarelam e zombam, gritam e vociferam. A voz das mulheres é um modo de expressão e uma forma de regulação das sociedades tradicionais onde predomina a oralidade. Mas sua palavra pertence à vertente privada das coisas: ela é da ordem do coletivo e do informal; ela é proferida no boca-a-boca da conversa familiar, na melhor situação possível, no quase ritual da conversação, nos salões aristocráticos ou burgueses, elevada à condição de uma arte, a arte da “bela linguagem”. (PERROT, 2009, p. 159).

Essa “bela linguagem” fica restrita ao privado, pois a palavra pública, cidadã e religiosa lhes é recusada.

No entanto, as mulheres estão presentes nos comícios de greve. Sua vinda é até mesmo desejada, como esposas, a título de apoio, ou de ornamento. Os comissários de polícia observam aliás a sua presença e contabilizam o seu número, sintoma, a seus olhos, do grau de solidariedade familiar e, conseqüentemente, das chances de duração de um conflito. Da mesma forma, nos saraus de apoio, frequentemente “cantantes”, as Senhoras são convidadas e tem até tarifas reduzidas. Auditoras ou espectadoras, as mulheres constituem a plateia. Mas tem muito mais dificuldade para subir ao palco. (PERROT, 2009, p. 162).

Elas passam a constituir número, a movimentarem os comícios. Sua função fica restrita ao papel de senhora. O que umas ambicionam se torna mero ornamento para outras. Jeanne Chauvin, Doutora em Direito desde 1892, ambicionava advogar e acaba provocando

um debate público e parlamentar. São expostos argumentos de força física, dificuldade da mulher em exercer a advocacia, a sedução feminina da qual os magistrados podem ser alvos. Mesmo com argumentos insólitos, foi declarada a lei de 30 de junho de 1899, que concedeu o direito à Jeanne de praticar o Direito. Esse acontecimento foi considerado um grande marco e avanço às conquistas das mulheres, que passaram a ter um lugar além dos que estavam alinhados à natureza feminina. O posicionamento de algumas mulheres deixava dúvidas sobre sua real identidade, pois elas se expressavam como homens, mantendo-se firme em seus argumentos pelo conhecimento que possuíam. Elas avançam, desse modo, ao espaço público com mais força e esse ambiente passa a ser desconsiderado somente de posse do patriarcado.

Os homens ainda detêm o poder de âmbito político e carregam suas funções como obrigações imbuídas pela virilidade cultural masculina e as qualidades inatas, como coragem, vontade de decisão, além daquelas adquiridas pelo ensino fechado às mulheres. As bibliotecas, hoje tão femininas, tinham o acesso permitido somente aos homens. Nas cidades, elas eram alfabetizadas e grandes leitoras, mas somente na vida privada. Com quais objetivos elas leriam? Estavam proibidas de exercer a escrita em seus diários ou em correspondências. Por muito tempo, os livros de culinária e educação estavam disponíveis às mulheres, nenhum a mais.

Com o advento da guerra, o século XX possibilita às mulheres mais espaços de atuação. Segundo Perrot (1998), a guerra poderia ter emancipado as mulheres devido aos cargos que lhes foram conferidos durante as frentes masculinas de batalha. Contudo, com o término da guerra, elas voltaram a assumir seus postos no lar e são vistas como objetos efetivamente manipulados e violados. Mesmo assim, a guerra demonstra uma mulher que trabalha com a intensidade semelhante a que usa como esposa e mãe, substituindo o soldado enquanto está fora. “Humilde dublê, ela não trabalha para si mesma” (PERROT, 2009, p. 219). Os novos trabalhos vincularam-se aos transportes, à indústria metalúrgica. Houve a noção de que seus trabalhos de limpeza eram semelhantes à intensidade, porém nas fábricas eram mais remunerados. Com isso, outras facilidades lhes são disponíveis:

Elas descobrem novos espaços de liberdade. Tornam suas roupas mais leves, vivem de maneira mais prática, circulam mais livremente, dirigem ambulâncias e motocicletas. A pressão da vigilância familiar afrouxou-se. As conversas atenuaram-se diante dos horrores da guerra. Os rituais de noivado, tão prolongados na Inglaterra vitoriana, desenlaçaram-se na emergência. O encontro amoroso e sexual foi apressado, transformado pela obsessão pela morte. Talvez o espetáculo do campo de batalha tenha contribuído para o advento do casal moderno, centrado em uma exigência de realização individual e não mais patrimonial. Mas também a opacidade aumentou entre

os seres separados. [...] O amor e a guerra: que história! (PERROT, 2009, p. 220).

Esses papéis são reforçados, também, pelas saias delas, que dissimulam os combatentes, viram artimanhas durante a clandestinidade das reuniões pela entrega de cartas e bilhetes. O corpo, novamente posto como ferramenta de sedução, de acordo com Bourdieu (2012), permanece no uso perante a subordinação masculina, como meio de atrair e seduzir. Nesse ponto, o autor demonstra afinidade com a postura moral típica patriarcal, que desqualifica e julga a sexualidade feminina, vulgarizando-a. Ao colocar a relação afetivo-sexual entre homem-mulher, submete-a a uma hierarquia estabelecida: a da dominação masculina. No entanto, elas resistem, mesmo que necessitassem se masculinizar para tanto. A seriedade necessária as obrigaria a romper com suas famílias, sacrificando a vida privada e a aparência por ordem secreta e militar.

Após a guerra, o direito ao voto das mulheres permanece em vigor, indo ao encontro de outros países que tardiamente aderem à democracia. O espaço político, no entanto, fica restrito a elas, que permanecem sem uma representante, de fato, de seus ideais. “Como a família está no coração de uma política social preocupada, antes de tudo, com a natalidade, a educação das crianças e o pleno emprego, a concepção que ela tem da mulher é muito instrumental. As mulheres nunca são visadas enquanto tais, mas sim como mães” (PERROT, 2009, p. 222).

Toda a subordinação feminina é explicada por Bourdieu (2012) não por fatores biológicos ou psicológicos, mas sim pela construção social que educa os meninos a serem dominadores e as meninas a serem submissas a esse poder historicamente edificado. Da mesma forma que apontou o problema, o autor salienta que a educação facilita essas desigualdades de gênero, as quais permitem os jogos de dominação masculinos.

O auge de tornar-se cidadã transforma as identidades femininas que, embora permaneçam donas de casa, não aceitam mais a submissão como regra geral. Elas passam a serem parte da regulamentação econômica e moral. Perrot (2009, p. 223) sintetiza qual papel a mulher passa a transmitir a todos: “Diante do velho Adão, rabugento na contemplação melancólica de sua decadência, e do aumento das multidões bestiais e femininas, é uma nova Eva que avança”.

2.2 O SER FEMINISTA: DA TEORIA DA IGUALDADE À LUTA PELA EQUIDADE

2.2.1 Ser do patriarcado: sexismo instaurado

Definir o conceito de patriarcado torna-se necessário, tendo em vista sua utilização precária e marginal pelo fato de não ser explicado como se deve. Apesar de seu uso corriqueiro e com uma categoria pressuposta, não há uma ideia bem definida sobre, pois nos deparamos com variantes da teoria feminista e distintas interpretações do que é o patriarcado. Pelo livro “O Contrato Social”, Pateman (1993), teórica política feminista, fala sobre a definição de patriarcado pelo olhar da ciência política diante da Teoria do Contrato. Nessa visão, o ser feminino é pressuposto por sua natureza, biologia, que a faz ser naturalmente subordinada ao ser masculino. Ela ainda apresenta a noção de o termo “fraternidade” ser usado amplamente entre homens, pois isso não deixa de ser uma negligência diante de seus usos também equivocados quando colocados como um vínculo crucial para integrar sujeitos e sociedade. A ideia de um elo masculino que os une pela ligação fraternal deixa claras as tentativas dos liberais de formar uma identidade sociologicamente aceita e adequada para seus indivíduos do que o mostrado nas teorias clássicas. Pateman procura, em sua fala, desconstruir as “confusões patriarcais”, todavia apresenta “confusões fraternais” em que há a tendência de justificar o patriarcado pelo significado da fraternidade: no século XVII, o conceito remetia ao contexto familiar, em que as lutas libertárias classistas se inspiravam nesse propósito que se ancorava na noção de família da época, o que hoje não é mais a mesma ideia que temos da instituição privada familiar. A autora acaba caracterizando a fraternidade como forma de opressão que os homens exercem sobre as mulheres. Para superar o idealismo que a própria Revolução Francesa invocou em seus cidadãos, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” já não funcionavam mais juntas. A moral fraterna havia se emancipado sozinha pelo modo de unir homens diante da subordinação da mulher. Para Pateman (1989), não há um desdobramento da fraternidade que seja ligado à Teoria do Contrato, o que impossibilita a utilização do termo no lugar de patriarcado.

No ramo da Ciência Política, os teóricos não olham para as questões feministas por elas não suscitarem problemas próprios, muito menos apresentarem um objetivo fundamental. Pateman (1989) contra-argumenta ao dizer que o foco não é apenas um; as feministas preocupam-se com diversas áreas, tal qual a democracia, a cidadania, a liberdade, a igualdade, a justiça, o consentimento. Pela história da vida privada e pública das mulheres, definida anteriormente por Perrot (2009), Pateman (1989) também destaca que os espaços ocupados por mulheres se deram de forma diferente, e os teóricos excluem essas investigações dentro dessas esferas. Quando visto mais de perto o lugar de fala de mulheres dentro da educação

acadêmica, no trabalho, em pesquisas, na política, nas ciências, percebemos o quanto ainda é escasso o espaço delas, pois desde cedo somos orientadas a nos calarmos, sermos passivas, sermos meninas educadas diante de qualquer circunstância que gere confronto ou desconforto para outrem.

Em seu artigo *Cyborg Manifest* (1991), Donna Haraway defende que essa ausência feminina da ciência decorre de um processo histórico mais amplo do que conhecemos, visto que se origina de uma distribuição assimétrica do poder que inferioriza não somente as mulheres, mas classes, nacionalidades, etnias. Como uma “informática da dominação”, em que uma das ferramentas de controle se dá pela produção científica, a qual tem sua acessibilidade pelo topo da hierarquia e esta se encontra ainda em mãos do poder patriarcal. Em uma tentativa de reestruturação da Ciência Política, busca-se a pluralização de democracias e da justiça social feministas e, por meio delas, desconstruir os tradicionais conceitos hegemônicos, atingir a liberdade e igualdade das mulheres.

É preciso delimitar o conceito de patriarcado pelo fato de as discussões feministas se utilizarem da ideia atribuída por debates patriarcais. Conforme Pateman (1993, p. 40), “é urgente que se faça uma história feminista do conceito de patriarcado”. O patriarcado se manifesta na ordem de poder maior dentro de um sistema que o utiliza como justifica para se manter nessa hierarquia e, embora se apresente pela ideia de ser mutável, é pela dominação sexual que encontra sua forma mais atroz dentro da cultura, fazendo dela seu conceito de poder.

Em *Ain't I a Woman? Black women and feminism*, bell hooks (1981)¹² traz o patriarcado reestruturado perante as necessidades do capitalismo, em que as versões clássicas sobre o direito paterno foram excluídas. Segundo hooks (1981), esse poder remetido ao patriarcado não é somente usado por homens brancos, não sendo esse um privilégio das classes altas e médias, pois todos os homens na sociedade emitem esse poderio, independentemente de classe ou raça. O modo como hooks insere a ideia de um patriarcado branco traduz a opressão e assédio vivido por muitas mulheres negras diante da subordinação dos seus corpos. De acordo com a autora, ainda há o elemento correspondente ao vínculo entre homens, a “fraternidade”, de homens brancos e homens negros aceitarem a violência como ferramenta de frisar seu poder sobre as mulheres, o que acaba por unir esses dois grupos que se mantêm afastados quando o racismo toma forma.

¹² A autora citada apresenta-se dessa forma, em letras minúsculas.

Analisando a obra de Simone de Beauvoir (2009), *O segundo sexo*, defrontamo-nos com o discurso em seu trabalho das prerrogativas de uma naturalização da maternidade, em que a biologia explica o papel da mulher na sociedade. Apontando, assim, a ideologia de uma mulher ser mãe e cuidar de sua família somente, percebemos o quanto os discursos patriarcais se fundam nesse conceito tradicional, que mantém persistente a estrutura violenta contra a mulher, não se delimitando em fronteiras, nem em limites sociais e culturais. Sem o direito do manifesto, a violência contra a mulher se vê frente ao pensamento que a mantém em um grau de inferioridade.

Nesse aspecto, os homens mantêm sua estrutura hierárquica que determina o controle sobre as mulheres. Estas acabam sendo objetificadas sexualmente, relegadas à produção e reprodução de um trabalho que, muitas vezes, não é remunerado, como ser dona de casa, em que se vê a dominação-exploração da opressão contra as mulheres. De acordo com Pateman (1989), a identidade dos gêneros fez com que o conceito de patriarcado perdesse espaço nos estudos feministas, mas a autora defende a centralidade de conhecer ainda mais a teoria social que encara o patriarcado como uma força que ainda exige foco para ser desconstruída e ser compreendida na opressão das mulheres nas sociedades modernas.

O patriarcado, consoante Pateman (1989), permite a especificidade da sujeição das mulheres e distingui-las dos demais meios de dominação. Quando ignorado por completo, esse conceito faria com que as teorias individualistas e de classe desaparecessem como ferramenta de análise do problema da dominação sexual. O uso literal do conceito como governo absoluto pelos pais não é somente uma marca paterna, o que se caracterizaria como uma primeira “confusão patriarcal” (PATEMAN, 1993).

A interpretação patriarcal do “patriarcado” como direito paterno provocou [...] o ocultamento da origem da família [...] O fato de que os homens e mulheres fazem parte de um contrato de casamento [...] e de que são maridos e esposas antes de serem pais e mães é esquecido. O direito conjugal está, assim, subsumido sob o direito paterno e as discussões sobre o patriarcado giram em torno do poder (familiar) das mães e dos pais, ocultando, portanto, a questão social mais ampla referente ao caráter das relações entre homens e mulheres e à abrangência do direito sexual masculino (PATEMAN, 1993, p. 49)

Outra “confusão patriarcal” firma-se pelo conceito ser universal e atemporal e, assim, excluindo a possibilidade da dominação masculina de assumir diferentes formas em diferentes contextos históricos e culturas. A dimensão do patriarcado compreende a ideia de pai/filho (paternidade) e homem/mulher (masculinidade), em que esse último seria um patriarcado

moderno dissonante com o patriarcado tradicional daquele. Se encararmos esse conceito moderno, originalmente temos a história citada no item anterior que remete à criação de Eva: somente depois de Adão – e dele – ela foi feita, caracterizando sua subordinação àquele que lhe antecedeu.

Por uma compreensão clássica, temos a ideia de Marx Weber sobre o patriarcado que compõe uma dominação ideal: “[...] uma vontade manifesta do “dominador” [...] quer influenciar as ações de outras pessoas [...] e de fato as influencia de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo [...] suas ações” (WEBER, 2004, p. 191) Essa estrutura patriarcal a que Weber faz referência está ligada a vínculos pessoais entre senhor, membros da família e servos, em que a autoridade máxima é inviolável pela dominação masculina, já que assim foi desde sempre. Essa concepção de Weber caracterizaria o patriarcado somente à família, o que desconsideraria o valor político das lutas feministas.

Se olharmos para o conceito de patriarcado isolado às teorias feministas, não seria possível encarar o poderio que os homens exercem sobre as mulheres sem encarar essa noção, que remete a ideologias sucumbidas pela força que ainda há nas lutas feministas. Esse patriarcado ainda está relacionado à forma de legitimar o poder dos homens, em que a sujeição da mulher e seu direito político de se expressar são ainda vistos como afrontas. Por ter criado raízes na cultura e no cotidiano de homens e mulheres, torna-se uma dificuldade excluí-lo por completo da vida social. Consoante Pateman (1993, p. 167), “toda a sociedade civil é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública” Uma afirmação que precisa ser alterada pelo bem de nossas mulheres e pelo futuro de nossas crianças, tanto os meninos quanto as meninas.

Segundo Bourdieu (2012), a permanência da dominação masculina se mantém mesmo que tenham ocorrido mudanças que afetaram a divisão do trabalho e as atividades produtivas. O trabalho aqui necessário, ainda de acordo com o autor, seria de “*des-historicização*” (BOURDIEU, 2012, p. 100), que estaria ligado a uma “(re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina” para pontuar os aspectos negativos da história das mulheres e do porquê ter sido amplamente dominada tendo em vista o gênero. Ele aponta que há uma eterna estrutura de dominação, manipulada constantemente pelo Estado, pela Igreja, pela família e pela escola, os quais reproduzem o poder masculino e, quando há as transformações, fica visível que nessas esferas houve a mudança contrária à perpetuação das hierarquias de gênero.

A historiadora Joan Scott (1995) define gênero, em um de seus artigos, como uma imposição de categoria social sobre um corpo biológico, afirmando que essa ideia dá ênfase a novas questões feministas, como a desigualdade. Ao retomar o método de desconstrução do francês Jacques Derrida, que busca os vícios das ideias do ocidente e as desconstrói, a autora utiliza da compreensão de Michel Foucault ao compreender o gênero como um saber sobre as distinções sexuais. Ao estabelecer um elo entre saber e poder, o gênero se mantém em sua forma de poder que permite a compreensão das relações. A conclusão a que Scott (1995) chega sobre gênero está em perceber tais diferenças sexuais, em que elas são hierarquizadas dentro da já estruturada sociedade estagnada.

O patriarcado pode ser entendido como uma relação de poder de base masculina. Embora sua noção tenha se adaptado com o passar dos anos, Pateman (1993) atenta que a única solução seria a superação diante da exploração-dominação. O gênero não é fixo, apresenta-se fluido e pode ser transformado e reconstruído, mostrando por essa definição a intersubjetividade feminista, em que essa perspectiva almeja a mudança ante as desconstruções culturais.

Quando o liberalismo passou a ser discutido como uma filosofia política a ser defendida, alguns limites começaram a transparecer na ideia de um feminismo diante dos valores liberais da época. No entanto, o que se obteve de retorno dessa filosofia foi sua característica tipicamente masculinizada, dispendo da ligação existente entre o patriarcado e o movimento liberal, algo sustentado por Pateman (1993), que garante a implicação mútua entre ambos, pois a “liberdade civil depende do direito patriarcal” (PATEMAN, 1993, p. 19), espaço em que a mulher passa a ser cada vez mais invisível. A autora entende que o feminismo necessita adentrar na esfera privada para haver uma intervenção pública que não renuncie a individualidade e a intimidade.

Ao procurar discutir e mostrar qual seria o papel das mulheres caso a divisão pública e particular não tivesse sido feita, Carole Pateman (1993) explica que a história da mulher diante do liberalismo ia muito além das reivindicações pelo direito ao voto, como transformar o contrato social e sexual ao qual foram impostas por uma decisão entre homens. Ao terem sido objetos do contrato, as mulheres não nasceram livres nesse Estado Liberal moderno, pois entender que o liberalismo pode ser confundido com o patriarcalismo, ou mesmo depender dele, deixa exposto o fato de as mulheres não terem nem mesmo participado do contrato original. Não se deve confundir esse entrelaçamento entre ambos os conceitos com o feminismo liberal, pois essa vertente garantiu muitas conquistas sobre as esferas pública e privada.

A consolidação do liberalismo transformou a diferença sexual em uma diferença política, em que a distinção entre liberdade e sujeição consagra o indivíduo abstrato universal, o homem. Essas diferenças remetem ao exercício da liberdade e autonomia, o que acabou sendo negado para as mulheres. Nesse caso, destacamos o olhar dado somente às experiências de mulheres brancas na concepção da feminista Kimberlé Crenshaw (1989). Ao privilegiarem apenas uma perspectiva, não apenas dão credibilidade aos discursos sobre patriarcado, sexualidade, mas deixam de interpretar o papel exercido pela raça, em que se percebem as distinções feitas nas esferas pública e privada entre mulheres brancas e negras.

Embora ainda existam muitas lutas a serem enfrentadas, o espaço de desigualdade entre homens e mulheres vai diminuindo e abrindo caminho para as mudanças que desassocia as características da mulher e suas funções maternais, sem encará-la como uma base natural e biológica feminina. O que acaba provocando retrocesso são as mascaradas investidas no apoio ao movimento feminista, quando, na verdade, aos poucos impõem novamente os conceitos sexistas tradicionais.

Independentemente das acepções do espaço público, as mulheres foram durante muito tempo excluídas, silenciadas da participação social, econômica e política de seu país, do direito à cidadania e à liberdade sexual. Houve um avanço, não se refuta, porém a exclusão pode ser ainda uma realidade camuflada de discursos do patriarcado enfatizados diariamente. Dessa forma, o patriarcado não deixa de ser o poder político que estruturou e ainda estrutura as opressões masculinas, e o conceito de gênero, a partir dos anos 1990, passou a compreender as construções sociais que devem ser transformadas, para uma teoria feminista ser ainda mais contemplada por direitos e conquistas.

2.2.2 Ser capitalista: influência do capital nas feministas

A cientista política Cinzia Arruzza (2017) explora pelos debates das feministas marxistas o conceito de reprodução social, estabelecendo três aspectos fundamentais: uma reprodução da espécie explicada pela biologia, outra pela força de trabalho e a última diante das necessidades de cuidado e provisão. A força de trabalho remete à reprodução da vida das pessoas, que não se delimita à sobrevivência e, sim, à satisfação de demais características que se movem na direção do prazer. Esse tipo de mão de obra acaba sendo intensamente feminizada em dois sentidos: a grande maioria dos trabalhadores são mulheres, estando ou não assalariadas, e suas condições são as mais exploradas. Conforme Arruzza (2017), o feminismo marxista define que os modos de produção e as relações estruturadas

entre classes são fatores a delimitar a reprodução social, os processos de reprodução e a manutenção da vida.

Essa relação entre opressão feminina e capitalismo é apresentada pela autora em um de seus trabalhos por meio do pensamento de Karl Marx. Pelas ideias, há uma “teoria unitária” que preestabelece uma subordinação contra as mulheres de não se interpelar a um sistema autônomo com causas próprias de um longo processo histórico:

[...] nos países capitalistas não existe um sistema patriarcal que seja autônomo ao capitalismo. [Estas] Relações patriarcais continuam a existir [...] e dizer que o patriarcado não é um sistema autônomo dentro do capitalismo não é afirmar que a opressão de gênero não exista e permeie as relações sociais e interpessoais. Em outras palavras, esta tese não reduz cada aspecto da opressão para simplificá-la a uma consequência mecânica ou direta do capitalismo, nem busca oferecer uma explicação baseada somente em termos econômicos. (ARRUZZA, 2015, p. 38).

Não há, para os proponentes dessa teoria, como desconsiderar o capitalismo uma articulada ordem social que se mantém nos ideais pelo explorar, dominar e alienar. Vindo de uma noção de acumulação primitiva do capital que continuaria a reproduzir relações hierárquicas opressivas, o que resta é compreender como essa dinâmica funciona para que possa ser quebrado o ciclo permanente.

Pela denominação “capitalismo indiferente”, Arruzza (2015) afirma que essas relações de opressão e desigualdades surgiram de uma manipulação anterior do capitalismo ante o patriarcado, em que as relações de poder se operavam diretamente pelo conceito patriarcal de poderio. Por essa teoria, o capitalismo se fixa indiferente quanto às desigualdades entre homens e mulheres, podendo se dissolver quando as estruturas radicais familiares forem desmembradas e reestruturadas radicalmente. Por essa indiferença, o capitalismo se oportuniza das desigualdades para fortalecer sua base ideológica.

Conforme Arruzza (2015), o que algumas pessoas defendem é que as mulheres se beneficiariam desse capitalismo e, por isso, esse sistema não seria um problema na emancipação e liberdade das mulheres. Para a autora, não se deve ignorar que, pelos registros, o capitalismo estruturou historicamente desigualdades de gênero inegáveis. Apesar de serem sistemas autônomos, o capitalismo e o feminismo estão interligados historicamente. As leis capitalistas diante da acumulação primitiva distinguem-se ao sexo da força de trabalho e determinam a distribuição ante a hierarquia.

Uma divisão sexual do trabalho proposta pelo sistema capitalista implica uma divisão decorrente das relações sociais entre os sexos. Hirata e Kergoat (2007, p. 599) procuraram

explicar essa ideia: “Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como característica a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social [...]”

Um estudo de Ann Shola Orloff (1996) apresenta o Estado do Bem-Estar Social implicado nas noções de gênero. Segundo ela, não há como entender esses padrões da participação das mulheres no trabalho como algo fora da economia política, pois os interesses de gênero são ignorados. O que percebemos é a inserção de mulheres nessa ideia de bem-estar comum a todos em que os trabalhos com menores salários são ainda direcionados a elas, em um ambiente que as desvaloriza moralmente por estarem remetidas somente à ideia biológica da identidade. O Estado de Bem-Estar Social não se remeteu a correções das desigualdades de gênero, muito menos na vida de universalização política.

Por esse aspecto, Hirata e Kergoat (2007, p. 599) demonstram como a divisão sexual estrutura o trabalho e a sociedade capitalista, apresentando dois princípios: o da separação, com trabalhos de homens para homens e de mulheres para mulheres; e o hierárquico, em que o trabalho do homem valeria mais que o da mulher, simplesmente por ser da natureza delas sua condição. O que caberia ao Estado seria equilibrar tais relações, para que a condição feminina não estivesse mais prejudicada sob uma gravidez e pela criação dos filhos. Contudo, esse Estado do Bem-Estar Social direciona-se a uma igualdade baseada na premissa familiar das políticas criadas por ele, em que as mulheres não foram desvinculadas das obrigações domésticas e dos cuidados às crianças e idosos¹³.

Conforme a perspectiva histórica apresentada na primeira parte do capítulo, temos as profissões ditas femininas que são, conseqüentemente, desvalorizadas; dentro do lar, sempre houve, também, uma espécie de qualificação necessária às mulheres para que fossem donas de casa, o que não reduziu sua forma de ser vista dentro do núcleo familiar.

Retomando Pateman (2009), é possível perceber as dicotomias marido/mulher e trabalhador/dona de casa e como elas obscurecem ainda mais a estrutura patriarcal mesmo que dentro de uma ideia do Estado de Bem-Estar. Por essa prerrogativa, o espaço privado das mulheres leva ao questionamento de como contribuíram para a construção social. O fato é que sempre contribuíram dentro de suas casas em forma de uma assistência social, disfarçada como responsabilidade, obrigação.

¹³ Aqui, um dos papéis sempre remetido à mulher da sua atuação naturalmente desenvolvida: o trato com crianças e idosos, a preservação dessa identidade nacional e da criação de uma identidade futura de uma sociedade moldada pelos ensinamentos maternos, camuflados pelas intenções paternas.

Apesar de preservar benefícios que manteriam as mulheres ainda mais dependentes dos homens, a filosofia do bem-estar social possibilitou a independência das mulheres, já que as viam como cidadãs sem serem propriamente esposas. Como exemplo, temos no Brasil a criação do Programa Bolsa Família, que permitiu às mulheres escolherem suas necessidades e de seus filhos ou o divórcio que as libertaria da opressão. A realidade ainda é difícil, porém com sua forma de liberdade não mais condicionada à dependência masculina.

Nessa gama de permissões concedidas ao bem-estar, as mulheres puderam decidir sobre seus corpos, em parte, pela distribuição de anticoncepcionais para não serem mais alvo da submissão dos homens, ou, na maioria dos casos, à escolha deles de não assumirem as crianças. Em um de seus livros sobre políticas feministas, bell hooks (2019) aborda a legalização do aborto não somente pelo direito, mas pela luta de políticas públicas que contemplem a saúde da mulher diante de suas escolhas sobre o corpo, pois um homem possui o direito à escolha de não assumir, mas as mulheres são submetidas a encarar a responsabilidade de seus atos por, no mínimo, nove meses, isso se não sucumbirem por uma medicina que se diz segura.

O direito das mulheres de escolher se querem ou não fazer aborto é apenas um aspecto da liberdade reprodutiva. Dependendo da idade de uma mulher e de sua circunstância de vida, o aspecto do direito reprodutivo que mais importa a ela vai mudar. Uma mulher sexualmente ativa, por volta de seus 20 ou 30 anos, que pensa que pílulas anticoncepcionais não são seguras, pode um dia encarar uma gravidez indesejada, então o direito de fazer um aborto legal, seguro e barato pode ser a questão reprodutiva mais relevante. Mas quando ela está na menopausa e os médicos a incentivam a fazer histerectomia, essa pode ser a questão mais relevante em direitos reprodutivos. [...] Perder terreno na questão do aborto legal, seguro e barato significa para as mulheres perder terreno em todas as questões reprodutivas (HOOKS, 2019, p. 54-55).

Os aspectos do direito ao corpo fazem-se ainda frente de batalha, pois não se emanciparam por completo no respeito que essa política feminista exige, em que a liberdade de escolha se mantém negada. hooks (2019) confirma as hipóteses levantadas sobre a ilusão de uma política ao direito reprodutivo ser logo permitida.

Nancy Fraser (2009), socióloga política, afirma, em um de seus textos, que o movimento pela libertação das mulheres apresentou dois cenários possíveis. Em um deles, a emancipação de gênero e a democracia participativa caminham lado a lado para uma sociabilidade; na outra visão, uma nova configuração do liberalismo garante às mulheres os mesmos benefícios concedidos aos homens ante uma autonomia individual que garantiria a

meritocracia de avanços e escolhas dos dois sexos. Esse “neoliberalismo feminista” iria legitimar, de certa forma, um “capitalismo flexível”, em que haveria níveis considerados de desigualdades de classes.

Apesar de avanços que se refletem no cotidiano, ainda há muita coisa a ser debatida dentro da teoria feminista: lutas políticas, participação ativa das mulheres em várias camadas sociais e, a mais importante, a incorporação de discursos com fundamentos ligados à luta do direito de escolha, do direito sobre nossos corpos. É possível perceber toda a evolução embora haja muito caminho a ser percorrido. E, dito nas palavras introdutórias, o feminismo passou a abraçar as minorias e a reconhecer os espaços que precisam ter mais voz e segurança para a liberdade de expressão. Não há como avançar se formos proibidas, censuradas de falar, porque, seja pelo instinto materno de umas, seja pela opção de outras de não exercerem esse papel na sociedade, somos direcionadas a compreender a todos, não amenizando a luta histórica de ninguém.

3 VER O ROMANCE: SOBRE ANÁLISE E TEORIA

3.1 VER O ROMANESCO: TIPOS E EFEITOS

Tendo como principais interesses as categorias reais e objetivas da arte, percebemos a tendência de ampla influência para Georg Lukács, filósofo e historiador literário, em *A teoria do romance* (2009), pelo pensamento crítico hegeliano quando uma evolução dialética do espírito do mundo se faz presente em seus escritos. Essa dialética manifesta-se na busca do autor em abstrair uma universalidade dos gêneros, fundamentada nas formas literárias e nas categorias da estética em que ambas possuem uma vinculação estreitada pelo valor histórico que dividem. Quando Lukács (2009) aborda a essência e a vida, promove a relação dos termos interligados à subjetividade. O autor manifesta-se nas suas palavras pela forma que almeja ser e promover o reflexo também para o leitor. Entretanto, ele tende a se afastar da filosofia da vida recorrendo às realidades histórico-sociais concretas, ao passo que mantém abstrações para atingir seu real objetivo, sua ideia dentro de fórmulas subjetivas de explicação.

Ainda conforme Lukács (2009), em *A necessidade da arte* (1983), Ernest Fischer aponta a arte como forma de expressão humana que faz circular o mundo das experiências e ideias, sendo indispensável refletir e unir o sujeito com o todo social. Ao serem manipuladas pelo artista de acordo com sua subjetividade, as experiências individuais passam a ser universais e possibilitam a reflexão do real que atinge o coletivo. Fischer (1983, p. 17) destaca que “toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular”. São os questionamentos existenciais e a inconstância do homem como ser flutuante que se tornam apreciações a serem observadas, que irão condizer com cada indivíduo ao se ver refletido pela arte, em que a razão passa a não ser encarada mais como necessidade: “A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte

capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como transformá-la [...] A arte, ela própria, é uma realidade social” (FISCHER, 1983, p. 57).

Quando colocamos em questão o romance, Milan Kundera (1988, p. 42) aponta que “o romance não examina a realidade, mas sim a existência”. Em *A arte do romance*, o autor sugere que a complexidade das situações comuns está além da história, um ponto em que a racionalidade questiona e investiga as ações pela sua essência metafísica. O romance em sua composição “é capaz de integrar a poesia e a filosofia sem perder por isso nada de sua identidade” (KUNDERA, 1988, p. 61).

Utilizando-se do argumento da ausência de dúvidas ou questionamentos, o filósofo e historiador literário explica a épica por aquele período histórico que surgiu e fez-se gênero, para contrapor os aspectos do romance ao discorrer sobre filosofias de vida, procurando compreender tempo histórico e social. Nenhuma leitura deve ser encarada como única. Ela apresenta as distorções relativas à sua época, tempo, espaço, além de preceder o conhecimento de seus autores. O romance, por ser relativamente moderno se comparado à epopeia, mantém suas abstrações filosóficas, pois essa área passa a ser para o homem o significado de solidão não ligada mais a um mundo perfeito e homogêneo, ele se emancipa individualmente, mas também reafirma sua necessidade de universalizar-se pelas inquietações, agora sem respostas certas. Ao descobrir essa única substância como verdadeira, a essência – o ambiente do romance – se origina. Segundo Lukács (2009), este passa a ser o questionamento central do romance, a ser distinto entre os gêneros devido ao contexto histórico-filosófico que surgem. Lukács (2009) apresenta algumas considerações acerca do mundo em que surgiu o romance, caracterizando-o, assim, como imenso pela sua totalidade.

Descobrimos em nós a única substância verdadeira: eis por que tivemos de cavar abismos intransponíveis entre conhecer e fazer, entre alma e estrutura, entre eu e mundo, e permitir que na outra margem do abismo, toda a substancialidade se dissipasse em reflexão; eis porque nossa essência teve de converter-se, para nós, em postulado e cavar um abismo tanto mais profundo e ameaçador entre nós e nós mesmos. Nosso mundo tornou-se infinitamente grande e, em cada recanto, mais rico em dádivas e perigos que o grego, mas essa riqueza suprime o sentido positivo e depositário de suas vidas: a totalidade. Pois totalidade, como *prius* formador de todo os fenômeno individual, significa que algo fechado pode ser perfeito; perfeito porque nele tudo ocorre, nada é excluído e nada remete a algo exterior mais elevado; perfeito porque nele tudo amadurece até a própria perfeição e, alcançando-se, submete-se ao vínculo. Totalidade do ser só é possível quando tudo já é homogêneo, antes de ser envolvido pelas formas; quando as formas não são uma coerção, mas somente a conscientização, a vinda à tona de tudo quanto dormitava como vaga aspiração no interior daquilo a que se devia dar forma;

quando o saber é virtude e a virtude, felicidade; quando a beleza põe em evidência o sentido do mundo (LUKÁCS, 2009, p. 31).

As palavras do autor remetem a uma perfeita sintonia quando o romance se torna iminentemente histórico em sua forma de se apresentar, pelo gênero que passa a definir. Influenciado pela estética hegeliana, percebemos o modo de Lukács de apresentar o romance como expressão da modernidade, como apropriação da totalidade¹⁴ do mundo. Nessa representação, há a beleza da arte romântica, figurada por uma harmonia da alma do indivíduo, do seu mais profundo estado íntimo, de como ele se reflete mais objetivamente com o que lhe é externo. Pelo ponto de vista dos personagens, essa beleza se configura no espírito aventureiro, bem como nas relações estabelecidas e oriundas de aprendizados; falando desse herói, ele também se estabelece em outras espiritualidades para atingir estados subjetivos.

Se colocadas ao lado da obra analisada na presente dissertação, temos um reflexo do tempo e do espaço em que a narrativa se desenvolve. *Belas adormecidas* (2017) apresenta mulheres adormecendo para uma transformação, ou ruptura da realidade. O que os autores criaram ultrapassa a definição que o retém, uma ficção sobrenatural, pois engloba o papel das mulheres na sociedade e todo o conhecimento que a teoria feminista expôs. No enredo, identificamos passagens que apontam o patriarcado, o papel histórico em distintos espaços, como também a forma das próprias personagens femininas se verem inseridas naquela situação atípica, o mundo em que poderiam recomeçar uma nova estrutura social.

Em termos de composição, o romance não se prende a um conteúdo em particular, nem a um único modo de expressão. O autor não se restringe a determinados modelos pré-existentes, tendo uma liberdade maior e as amplas formas de empregar que lhe sejam cabíveis, sem prender-se aos padrões da arte clássica. Esses são sinais da representação humana, de como seu espírito representa a si e como ele se encontra em sua arte, sendo sua genialidade o que lhe permitirá elaborar sua manifestação interior. Temos aqui a composição da individualidade do autor de como irá se transformar para criar livremente suas ideias e concepções de estética; como artista, ele é sua própria estrutura.

Por isso, a “unidade natural das esferas metafísicas foi rompida para sempre” (LUKÁCS, 2009, p. 34), não havendo a totalidade espontânea do ser.¹⁵ Essa tensão diante da organicidade do texto não é mais imposta aos estilos modernos e o artista passa a integrar as

¹⁴ A totalidade aqui apresentada compreende tanto a vida religiosa quanto a vida concreta, cotidiana e política que incluem as necessidades de satisfação que a vida exterior demanda.

¹⁵ O último uso da metafísica como padrão estético citado amplamente por Lukács é a obra de Dante Alighieri, *A divina comédia*, no ano de 1472.

partes do romance independentes ao todo. O romance não se extingue de ser biográfico por apresentar um indivíduo problematizado com ideias inalcançáveis; é uma busca pelo sentido da vida que passa a fazer parte da paleta temática e característica do romance.

No livro, Stephen e Owen King (2017) estabelecem uma linearidade nos acontecimentos, separando a história em três partes. Na primeira, temos a apresentação dos personagens e de suas funções, ligadas ao Instituto Penal de Dooling, um presídio feminino sob direção de uma mulher, Janice Coates; a Delegacia de Dooling, em que temos a xerife Lila Norcross no comando das operações; os moradores da cidade, que acabam definindo o futuro da humanidade após a Doença Aurora. Em sua maioria, a parte primeira se desenvolve na delegacia e no presídio, pois, como há interesses de gênero na história, os acontecimentos se dão nesses espaços. Quando a segunda parte é introduzida, o leitor é levado para o “Nosso Lugar”, nome dado pelas mulheres no local onde acordaram e seguiram com a vida. Há alternâncias entre o mundo anterior e o lugar delas. Percebemos o tempo passar de forma diferente nesse novo lugar: “As horas no lugar antigo (antes?) eram dias no novo (agora?). Talvez mais do que dias.” (KING; KING, 2017, p. 408). A última parte traz as semanas seguintes depois de as mulheres acordarem, o que acontece devido à decisão que elas precisaram tomar. A organização apresentada pelos autores permanece clara e objetiva se comparada com o todo apresentado, o que passa a expor também uma linearidade espaço-temporal conivente com os desdobramentos da narrativa.

Dando sequência ao pensamento de Lukács (2009), há uma forma no fenômeno literário que expõe pelo social ao coordenar os elementos fragmentados e desorganizados, reunindo-os em uma totalidade que dará ao leitor sentido e coesão. Somente nessa harmonização o homem moderno encontra elementos que a vida não lhe pode mais oferecer. Essa forma romanesca conecta-se ao modo de “descobrir e construir [...] [pela] totalidade oculta da vida” (LUKÁCS, 2009, p. 60), expondo a obra a riscos, um deles ligado aos aspectos fragmentados que deve ficar evidente, mesmo que oculte o sentido exigido pela forma. Para o filósofo, essa característica não pode ser superada, porém encoberta de modo superficial. Outro risco pode ocorrer na desintegração da forma, que pode ser causada pelos personagens em suas aspirações de recusar o contato na vida cotidiana. De qualquer forma, a composição mostra-se abstrata, pois essa abstração do romance é um efeito de uma constatação própria como sentido, inclusive pela ausência.

Belas adormecidas (2017) se justapõe a essa ocultação da vida ao supor um mundo sem mulheres. Quando colocada essa característica em paralelo à subjetividade e situação do mundo, visualizamos a necessidade de considerar essa hipótese e quanto ela pode levar o

leitor a questionar sua realidade. São as constatações apresentadas pelo sentido que a obra transmite, sejam nas colocações sexistas, sejam nos avanços da comunidade feminina no Nosso lugar. Mesmo na ausência de explicação quanto à causa real da Doença do Sono, a Aurora, há as ideias permanentes que não deixam de impor sentido à narrativa, levando a constantes reflexões e análises.

Fator discutido por George Lukács é a ética como harmonia que antecede o valor artístico e, como questão essencial, relaciona-se com a estética encontrando-se no processo de construção do romance. Ela é um elemento estrutural da composição literária, sendo percebida na construção e levando o romance ao caráter de processo artístico. Segundo Lukács, ao falar sobre ciência, relaciona-a com a arte, afirmando que ambas são meios de o homem conhecer o mundo por ser produto final do cotidiano e refletir essa realidade objetiva, caracterizando uma recepção subjetiva e um processo de desenvolvimento histórico e social da humanidade. Recebendo sua forma no particular, a arte difere da ciência quando esta se processa no universal ou no singular. Dessa forma, o que define a arte como reflexo é como ela representa essa realidade e como aparência e essência se revelam em equilíbrio na representação.

A constituição de um mundo próprio não é característica permanente da arte, pois, quando outra surgir, não negará a existência da anterior, caso que ocorre no conhecimento científico, o qual somente exprime a totalidade externa da vida, permitindo à arte seu lugar ao expressar a totalidade intensa do todo. Ao afirmar sua individualidade, conforme Lukács (2009), a obra de arte determina-se pela subjetividade de seu criador, operando, dessa forma, sobre o sujeito, não havendo esse mundo artístico sem um sujeito criador e alguém que irá recebê-la.

É essa relação entre obra e criador, pela subjetividade do autor, que foi preciso levar em consideração para a análise e a constituição da narrativa por dois homens, no caso, pai e filho. Perceber algumas marcas na estrutura, como a apresentação de um presídio feminino em primeiro plano, deixa suspensa a ideia de, após a maioria dos direitos e liberdade do movimento feminista estar sempre exposta no nosso cotidiano, crê-se, assim, na suposição da necessidade de um espaço carcerário exclusivo para o gênero feminino: pela liberdade de gênero, as mulheres cometeram crimes que as levaram à punição. A mensagem que fica é de uma contrariedade de opinião apresentada ao longo da trama, em que a postura feminista fica suspensa em ser afirmada ou não, como se os autores não desejassem se comprometer ao se posicionar, já que o público que os recebe espera certa postura.

Reproduzir a realidade passa a ser uma tendência artística. Segundo Lukács, trata-se de uma transformação do ser único para um ser de todos, demonstrado pela totalidade intensiva de cada um. Como propriedade da arte, ela acaba ampliando a condição humana perante a natureza, sociedade e história como ferramenta da autoconsciência. São as ligações entre as propriedades internas e externas que permitem à arte utilizar a objetividade e a subjetividade em uma única forma, a forma do romance. É essa mediação entre as obras de arte e o sujeito que transforma um simples humano em um ser ainda mais detentor das compreensões humanas, mantendo-se assim autoconsciente.

A partir dos postulados de Fischer (1983, p. 58), percebemos a função social do romance como arte, pois vemos fortalecidas as incompreensões e os cenários de uma sociedade que não necessita refletir somente a beleza artística, mas que pode, para ser verdadeira, “refletir também a decadência”. A arte é amostra do todo social, o romance se faz arte por apontar a sociedade em sua totalidade. Essa totalidade é apontada por Lukács (2009) em sua ausência do mundo moderno, o que permite ao autor implicar as formas literárias.

É nessa decadência que o enredo de *Belas Adormecidas* (2017) também se constitui. Para explicitar alguns pontos a serem destacados na narrativa: a história se desenvolve, principalmente, após as mulheres do mundo inteiro irem dormir e não acordarem mais, desenvolvendo fios de proteção que se tornam casulos para mantê-las em sonolência. Considerado um vírus ou maldição, o mundo agora, com algumas mulheres que aguentam firmes a força do sono chegando e homens revoltados com a situação, passa a ser um caos. Não aguentando a ausência de suas esposas e filhas, alguns homens cometem suicídio, enquanto outros comemoram a ausência delas. Aqui, a decadência fica evidente pela forma apresentada, um mundo apocalíptico, em que o gênero feminino não é mais um problema para muitos. Outra forma de apontar a decadência no enredo são as atitudes tomadas pelos homens da cidade de Dooling, que decidem atacar o presídio feminino para terem uma cura possível em Evie Black, personagem mítica que faz referência à Eva do Jardim do Éden: todas as mulheres dormem e não acordam, menos ela, que afirma ter a solução para tudo por ser a emissária da Aurora.

Os gêneros literários são frutos das alterações históricas e filosóficas das sociedades que se adaptaram à evolução de forma biológica, mas também em suas expressões artísticas. Podemos, assim, firmar a relação entre a história e a evolução dos gêneros, já que se mostram mutáveis junto com seus espaços e filosofias, podendo se dissolver ou serem criados. Há um tipo ideal de construção desses gêneros. Lukács (2009) tenta estruturar essas construções lógicas sobre o romance, para que ele não seja desproporcional dentro de um pensamento

homogêneo. Apesar de criticar o uso de tipologias, influenciado por Max Webber, o autor procura enquadrar, então, características, aspectos que possam delimitar um romance e seus tipos. São ideias que ele mesmo se questiona, pois apresenta anteriormente a noção da liberdade artística, que não se deixa delimitar por valores estéticos.

Em posição semelhante a de Lukács, Theodor Adorno (2003, p. 58) afirma que a alienação presente na sociedade acaba por definir a estética do romance, “pois quanto mais se alienam uns dos outros os homens, os indivíduos e as coletividades, tanto mais enigmáticos eles se tornam uns para os outros”. É na captura da essência que o esforço aparece, em que a forma interna do romance acaba sendo a busca do indivíduo para encontrar a si mesmo, tornando o romance um gênero de reflexão ao desconstruir as regras sociais.

Uma das tipologias que Lukács descreve é o romantismo da desilusão, que não deixa de ser uma consequência histórica e filosófica, sendo principiada pela ideia de o herói se encontrar quando se abstém do mundo, isolando-se para descobrir-se. É quando o personagem se propõe a construir um diálogo interior para encontrar sua subjetividade – aqui tida como pressuposto para o herói se propor a ir em frente, pois uma derrota lhe abrirá a mente para iniciar sua autorreflexão. Segundo Lukács (2009, p. 119), isso não é um mero fator psicológico, e sim algo decisivo sobre a realidade por ser uma atitude de defesa angustiante na frente de luta por um realismo do mundo exterior, não sendo assim um comportamento passivo. Como consequência nessa ordem para equilibrar seu mundo, há um aumento da individualidade:

A importância intrínseca do indivíduo atingiu o ápice histórico: ele não é mais significativo, a exemplo do idealismo abstrato, como portador de mundos transcendentais, mas porta seu valor exclusivamente em si mesmo; de fato os valores da existência parecem antes haurir a justificação da sua validade a partir de sua vivência subjetiva, de seu significado para a alma do indivíduo. (LUKÁCS, 2009, p. 122).

Dessa forma, há uma análise estritamente psicológica em cima do personagem central, sua família e trabalho se tornam irrelevantes à medida que ele conhece sua subjetividade. Para essa construção ser viável, há necessidade de um caráter positivo, em que o tempo passa a ser um elemento indispensável, uma “resistência da organicidade presa meramente à vida contra o sentido presente, a vontade da vida em permanecer na própria imanência perfeitamente fechada” (LUKÁCS, 2009, p. 127). Graças a ele, há esse todo organizado que garante sentido e vida ao leitor, pois passa a ter existência concreta. Ainda, o elemento temporal insere a

memória e a lembrança como ferramentas a serem usadas em função de transformar a história, sem deixar marcas de passividade.

Encarar um único personagem principal para a análise do livro *Belas Adormecidas* (2017) é encarar o coletivo feminino. Após uma causa não justificada, as mulheres se veem isoladas em um lugar diferente de onde estavam. Suas posturas passam a ser a do trabalho em prol da comunidade, inclusive para as prisioneiras que estavam inseridas também nessa nova forma de vida. Todas partem da resignificação de si e do todo para se ajudarem mutuamente a construir um lugar habitável, em que todas possam ter voz e lugar de fala¹⁶, como também espaço de atuação, em que cada uma fornece o conhecimento que sabe para o bem comum. Após essa defrontação da realidade, necessitam decidir, no coletivo, o retorno para o mundo anterior ou a permanência nessa forma de utopia, pois o tempo do Nosso lugar permitiu que elas ampliassem uma noção de comunidade e auxílio mútuo. As motivações que as levam a retornar serão analisadas no último capítulo, mas, previamente, constatamos a incredulidade do retorno, ao constatarem-se diferentes do que eram antes, porém retornando a um espaço em que passam a ser cuidadoras dos “destroços apocalípticos”, nos quais os homens investem financeiramente para a reconstrução da sociedade.

Mesmo com uma proposta de reflexão, não podemos afirmar a mudança de comportamento de um leitor de *Belas Adormecidas*. Afinal, infelizmente, a arte não tem ainda esse poder de modificar a realidade, em que o oposto é perceptível: a influência das percepções do real se torna inspirações na execução da arte. É na utopia que não conseguimos exercer nossa magia de interceder em prol da comunidade humana.

3.2 VER OS PERSONAGENS: ENXERGAR IDENTIDADES

Ao falarmos anteriormente em personagem, protagonista, herói, não há uma compreensão absoluta de seu papel durante a narrativa. Pretendemos explicar esse elemento constituinte do romance como característica ficcional, pois o autor manipula as palavras e delas constitui distintos tipos de personagens, variando em complexidade inerente à trama para causar uma impressão específica ao leitor. O personagem de ficção carrega esse aspecto de complexão por envolver outros elementos narratológicos, como o enredo, o espaço, o tempo, etc. Ao se mostrar por completo, ele necessita de sua relação com os demais

¹⁶ Explicação na introdução, de acordo com Djamilia Ribeiro (2020).

personagens e de alguns pontos que precisam ser delimitados para compreender sua composição.

Se levarmos em conta o todo da crítica literária, Aristóteles (2010) cita a composição do personagem, ao permitir uma identificação com o leitor, torna-se dramático ao defrontar-se com reflexos de pessoas reais, com os sentimentos, as angústias, os amores, para construir-se como ser moralizante. Pelos efeitos que o autor procura demonstrar, os personagens e a história se unem a um objetivo que pode representar uma sociedade, uma imagem, um estereótipo e outras coisas.

A personagem passa a ser uma tentativa de imitar a realidade por uma *mimesis*, que, segundo Brait (2002), busca refletir uma verossimilhança durante o desenvolvimento da história centrada em uma busca da semelhança entre personagem e pessoa. Essa consonância de estar em concordância com o real, entrega a ideia de bem e mal aparentemente escondida na sociedade e permite que, pela personalidade do personagem, faça-se verossímil. Eles fazem surgir as questões que envolvem o certo e o errado: qual seria essa definição refletida no herói, vilão, mocinha, carrasco. Daí passam as ideias de nominar os personagens diante de suas decisões.

Ao apresentar mulheres em altas posições em uma delegacia e em um presídio, como xerife e diretora, temos a veracidade de algumas conquistas femininas. No entanto, com personagens raivosos e reflexos de uma masculinidade tóxica, temos também a faceta verossímil de um grande número da população que ainda não reconhece a conquista de determinados espaços pelo feminino, muito menos o aceita enquanto o torna objeto do prazer e da beleza impostos pela ideia da natureza feminina.

Como visto anteriormente, George Lukács apresenta alguns tipos de personagens, principalmente o herói problemático. Lukács também afirma que, apesar de repudiar a violência, sabe a influência que a Primeira Guerra Mundial teve na produção literária da época, pois a tristeza e a situação dos soldados que retornavam deixavam claras as dores de um momento histórico que deveria ser superado, porém jamais esquecido. Com isso, ideias distintas no ramo da Sociologia e da Filosofia começaram a surgir, colocando em questão o herói do romance que deveria se tratar de um sujeito moderno, refletindo valores individuais e a totalidade da vida. Essas tribulações do século XX marcaram uma série de mutações do personagem da ficção. Através da concepção lukacsiana da personagem, o indivíduo ficcional atinge o espaço que merecia na estrutura narrativa, transbordando a visão moralizante em falha pelo personagem apresentar-se problemático, sem procurar sua identidade e aceitá-la por completo.

O sociólogo e crítico literário Antonio Candido (2011) destaca uma relação entre o autor até sua obra chegar às mãos do público que apresenta um panorama das escolhas do escritor, refletidas na obra e reverberadas em determinados contextos. Dessa forma, o autor do romance utiliza de experiências próprias para atingir o caráter fidedigno com profundidade necessária para inserir personagens específicos. De acordo com Candido (2011), é imprescritível a relação entre texto e contexto, pois ela norteia e significa questões sociológicas para promover o processo crítico de interpretação, concordando com o pensamento lukacsiano que “o levaria a concentrar-se por vezes demasiadamente nos aspectos políticos e econômicos da literatura” (CANDIDO, 2011, p. 14) que estariam nos valores possíveis de serem notados dentro da obra literária, como os de origem cultural e econômica.

Para entender a narrativa, segundo Candido (2011), é necessária a noção diante do contexto em que ela foi produzida e como aquela situação histórica, social e filosófica interferiu na produção de sentido. Ao analisar uma obra, cabe relativizar diversos fatores que concederão ao leitor recepcioná-la como um todo, porém, ao crítico, caberá a escolha de um fator para focar sua atenção e esmiuçar toda a estrutura ao qual aquele aspecto da obra se tornou significativo, respeitando as barreiras do estruturalismo da obra.

Pensando o livro *Belas Adormecidas* (2017), o que temos é uma clara referência ao movimento feminista e suas influências nas mulheres. A história não data especificamente de um ano, porém é possível vislumbrar o mesmo período de publicação e composição da trama, por volta de 2016, 2017. Assim, o que move a narrativa é a pergunta presente na contracapa do livro “O que aconteceria se todas as mulheres desaparecessem?”, o que provoca o leitor a se deparar com uma realidade fictícia em que as mulheres adormecem e não mais acordam. Elas, envoltas em casulos, ausentam-se do mundo, sugerindo a morte de todas e a permanência de homens para prosseguir na realidade. Pelo movimento feminista, temos muitas críticas dentro do romance e podemos analisá-las pelo comportamento e posicionamento de muitos personagens e o desfecho leva também a uma conclusão embasada no feminino emergente.

Em *A personagem de ficção*, Candido (2011) evidencia as principais particularidades do personagem ficcional. O objetivo é apontar um retrato forte que leve o leitor a ver as intrigas do enredo sem ignorar as convenções e problemáticas sociais. Sempre expondo a prerrogativa de cada experiência ser única, a subjetividade fica evidente quando determinados personagens impactam o público e levam o autor a modificar algo que poderá se tornar mais emocionante.

Além das considerações de Candido e Lukács, Forster (1998) pontua a construção do personagem e de como eles atuam dentro do enredo. O autor defende que, apesar de haver uma dificuldade em caracterizar alguns elementos, existem outros aspectos que se sobressaem por se interligarem na narrativa e passam a definir, assim, os principais detalhes a serem explorados. O romancista também destaca os elementos primordiais do romance: a intriga (enredo), a história e o personagem, este último caracterizado pela aproximação com o ser humano real, que lhe dará o caráter da verossimilhança, pois se vê refletido no texto de alguma forma, quer pelos sentimentos, quer pelas experiências vivenciadas. Pelas palavras de Candido (2011, p. 67), a imaginação e a manipulação de elementos reais constroem paulatinamente uma ficção:

Mas é justamente aí que surge o problema: de onde parte a invenção? Qual a substância de que são feitas as personagens? Seriam, por exemplo, projeção das limitações, aspirações, frustrações do romancista? Não, porque o princípio que rege o aproveitamento do real é o da modificação, seja por acréscimo, seja por deformação de pequenas sementes sugestivas. O romancista é capaz de reproduzir a vida, seja na singularidade dos indivíduos, seja na coletividade dos grupos. Ele começa por isolar o indivíduo do grupo e, depois, a paixão no indivíduo (CANDIDO, 2011, p. 67).

Ainda conforme Candido (2011), o trunfo do romancista é sua memória, a qual armazena toda sua experiência, sentimentos em determinadas situações, personagens reais que vivenciaram determinados momentos, adaptando-os aos seus ideais. Não há personagem que seja inteiramente criado pelo escritor, ele já surge de um pré-conhecimento; afinal, todo criador é fruto de discursos anteriores a ele. Essas lembranças vagueiam à margem da criatividade e unem-se em prol de uma nova constituição do real que venha a demonstrar algum reflexo com o público. Forster (1998) reitera as palavras de Candido, definindo esse romancista como aquele que cria, articula palavras, dá vida a seres fictícios que dão comprometimento ao leitor:

O romancista, ao contrário de seus colegas, arranja uma porção de massas verbais, descrevendo grosso modo a si mesmo (grosso modo, as sutilezas virão mais tarde), dá-lhes nomes e sexos, determina-lhes gestos plausíveis e as faz falar por meio de aspas e talvez comportarem-se consistentemente. Essas massas verbais são suas personagens. Sua natureza, no entanto, está condicionada pelo que o romancista imagina sobre outras pessoas e sobre si mesmo, e, além disso, é modificada por outros aspectos de seu trabalho (FORSTER, 1998, p. 44).

O crítico não deve desvalorizar os outros elementos da narrativa, somente aponta para o personagem como ser importante e parte do pressuposto de que o autor se baseia em fatos interessantes a serem colocados em destaque para compreender os espaços vazios de detalhes. Tais detalhes dependem de informações que garantam a aproximação do personagem fictício e aquele considerado real, unindo-se juntamente a história para essa carga verossímil. A ideia do “modo de ser” permanece na ideia de apresentar o personagem, mesmo que sua veracidade com o mundo real seja inegável, da forma que o autor desejar, dando peculiaridades necessárias à construção da narrativa.

Candido (2011) defende a prerrogativa de existir escolhas fortes por parte do escritor para a criação desses personagens intensos, ainda que os recursos para caracterizá-los variem conforme sua ambição de apresentá-los. O autor usa de recursos que dão “a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação” (CANDIDO, 2011, p. 59) Essa simplificação direciona a construção de um personagem que transpareça a maior realidade possível, sendo apenas utilizados traços mínimos que direcionem o leitor a esse ser próximo a ele. Nessa simplicidade, também visualizamos toda a complexidade de sentimentos e emoções do ser humano, pois somos seres psicológicos de distintas experiências, de decisões que são efeitos da sociedade, de valores culturais diversos.

Os personagens e suas características são norteados pelos elementos citados por Candido (2011), os quais garantem uma simbologia particular de cada narrativa. Forster (1998) discute ainda os demais fatores da vida humana que influenciam no processo de desenvolvimento da trama, os mais rotineiros que se possa deduzir, como o nascer, o alimentar-se, o amar, o morrer. Ele os define como primordiais, mas não nega os demais influenciadores, somente os caracteriza como difíceis de serem identificados.

A espécime dada como ato de relaxamento, por dadas vezes, pode ser encarada como assombro, destituição da realidade, sinestesia ambivalente ao pesar. O sono, um dos aspectos proposto por Forster (1998), não mais é indispensável ao personagem; diz muito de seu ser caso, após uma noite agitada ou tranquila, o autor nos apresenta os sonhos desse sujeito e como essa percepção de ter em si suas mais profundas ambições ou anseios, o personagem dispõe da constatação de sua ficção interna, transposta aqui pelo dormir. A psicanálise passou a usar algumas passagens para apropriar-se da sugestão de sermos frutos de nossos mais internos devaneios; afinal, o autor tende a utilizar-se de dados mais reais possíveis para caracterizar seus personagens:

[...] um terço de nossos tempos não é passado em sociedade ou civilização, [...]. Entramos num mundo pouco conhecido, e nos parece, deixá-lo, ter sido em parte esquecimento, em parte caricatura deste mundo, e em parte ainda uma revelação. [...] Não quero discutir a natureza do sono ou dos sonhos, mas somente frisar que eles tomam muito tempo, e o se se chama de “História” só se ocupa com cerca de dois terços do ciclo humano, e expõe teorias em conformidade com isso. Tomará a ficção uma atitude semelhante? (FORSTER, 1998, p. 48).

Em *Belas adormecidas* (2017), o sono é o fator determinante na nova concepção da realidade. Ao dormirem e não acordarem, as mulheres de Dooling se depararam com um recomeço necessário, mas passam a perguntar-se: “Era real aquele mundo sem homens? Era o paraíso? O purgatório? Um universo alternativo em um fluxo temporal alternativo?” (KING; KING, 2017, p. 408). Elas se deparam com um sonho ou pesadelo, não reconhecem um novo início, mas sim uma necessidade de não ficarem estagnadas, pois precisam se alimentar, cuidar-se, zelar pelas mulheres que chegam todos os dias. Dormir é a chance de recomeço para elas, que retornam à vida antiga após confrontadas com essa alternativa e acordam nos lugares onde dormiram. Ao entender o sono na concepção de Forster (1998), encara-se esse elemento como o ambivalente às vontades internas do coletivo, que anseia por uma nova compreensão de si e do que significa realmente o ser feminino, sua complexidade e disposição à transformação, ao ver-se internamente para compreender seu exterior e, conseqüentemente, o que lhe afeta. Pelo coletivo de mulheres, são refletidos os mais profundos devaneios e suas alterações na realidade à qual decidem retornar.

Embora a ficção eleve o personagem na tentativa de alcançar a complexidade mais possível dele, tanto quanto o real, não há tamanhos fragmentos que tornem essa verossimilhança destemida da realidade, pois o autor embarca nessa chance de expor toda a ideia do verdadeiro, mesmo não conseguindo torná-lo mais do que é, um sujeito ficcional. Dessa forma, consoante Forster (1998), os romances passam a sugerir um ser humano mais compreensível diante do invisível, ao alcance de não haver como captar toda a complexidade humana. Pelas palavras de Candido (2011, p. 65):

Poderia então a personagem ser transplantada da realidade, para que o autor atingisse este alvo[...], pode-se copiar no romance um ser vivo e, assim, aproveitar integralmente a sua realidade? Não[...], é impossível [...] captar a totalidade do modo de ser duma pessoa, ou sequer conhecê-la; [...] [isso] dispensaria a criação artística.

Apesar de existirem pressupostos sobre o ser ficcional, ainda é evidente que o resultado desse retrato possa ser parcial. Embora essa compreensão da criação ser embasada

em eventos e seres reais, não há como assegurar toda a análise como algo estável, pois a complexidade do ser humano é tamanha que ele não possibilita os aspectos como um todo. Candido (2011) explicita que o personagem pode ser estudado, ainda que a imagem de caracterização de todos os aspectos seja complexa. Pelo olhar de crítico, temos uma retratação instigante sobre a função de uma obra literária:

Neste ponto tocamos numa das funções capitais da ficção, que é a de nos dar um conhecimento mais completo, mais coerente do que o conhecimento decepcionante e fragmentário que temos dos seres. [...] De fato, dada à circunstância de ser o criador da realidade que apresenta, o romancista, como artista em geral, domina-a, delimita-a, mostra-a de modo coerente, e nos comunica essa realidade como um tipo de conhecimento que, em consequência, é muito mais coeso e completo (portanto mais satisfatório) do que o conhecimento fragmentário ou falta de conhecimento real que nos atormenta nas relações com as pessoas (CANDIDO, 2011, p. 64).

Percebemos a intenção do autor ao falar dessas relações pessoais ao considerar a construção e o olhar do analista sobre os aspectos apresentados para a compreensão da obra. Dessa maneira, as ideias que se refletem nos personagens dessa verossimilhança são destaque no enredo; portanto, indispensáveis na análise de uma obra para apreender o sentido e sua coerência nas informações.

4 SOBRE (B)ELAS: SOCIEDADE ADORMECIDA?

Com duas bases de apoio teórico, uma análise do livro *Belas Adormecidas* (2017) dos autores Stephen e Owen King, o foco de discussão reside na possibilidade de um mundo sem mulheres e outro somente delas, como citado anteriormente. Dessa forma, olhar para a narrativa pelo modo como as mulheres são vistas e como elas passam a se ver diante dos acontecimentos do enredo, tornou-se o objetivo para averiguar as tendências de base feminina e feminista. Ao problematizar a pesquisa questionando os traços críticos com o feminismo, a investigação se fixam pela normativa dos personagens e do enredo, bem como das decisões na história.

Para dispor de sentido na construção da presente pesquisa, apresentamos três pontos de análise, em que a evocação do mito da criação com uma de suas personalidades míticas, a Eva do Jardim do Éden, consiste nas primeiras colocações apresentadas dessa personagem. Na sequência, as características do mundo antes e durante a Aurora e como os homens passaram a ver a situação são pontos centrais de discussão. Por último, porém não menos importante, o outro espaço, chamado de Nosso lugar pelas moradoras de Dooling, carrega características a serem debatidas, uma vez que vislumbram as colocações do pensamento feminista apresentado no segundo capítulo. Nesse último, a decisão aponta para uma conclusão a respeito dos autores, de como o sexo feminino é visto e da totalidade da obra.

4.1 SOBRE EVA(S): ENQUANTO VIVER FOR AMAR (E SOFRER)

O olhar para a história da mulher permitiu enxergar o quanto – por amarem inocentemente – elas sucumbiram em silêncio por tantos anos. Desse dito amor, houve mutações no sentir que as fizeram ver todo o papel secundário que lhes foi imposto. Entretanto, ainda há mulheres que não percebem um amor tóxico, que lhes faz mal e não

permite alçar voos para sua própria liberdade. Com o passado histórico e religioso, é possível ver que esse estigma feminino ocorre pelo patriarcado estar ainda tão estruturado no nosso dia a dia.

Em *Belas adormcidas* (2017), temos, em um primeiro plano, o surgimento pelas raízes da personagem mítica da obra, Evie Black. Essa Eva negra faz a devida referência ao mito da criação e à sua primeira mulher. Na história, não temos a sugestão da personagem de não ter sido, de fato, a primeira mulher, o que antevê a ocultação desse lado da história. O que prevalece é o descontentamento dessa personagem em afirmar a submissão imposta às suas sucessoras ao longo do tempo, com base em um arquétipo instaurado pela religião e que queria justificar o lugar subalterno da mulher. Da mesma forma, percebe-se o enredo atrelado à ideia de culpa da mulher quando, após o renascimento de Eva, na sequência, duas prisioneiras encontram-se em cárcere, o que pode sugerir a conquista feminina e suas consequências: as mulheres atingiram seus objetivos para, inclusive, cometerem crimes, existindo a necessidade de haver um presídio exclusivamente feminino. Desse modo, fica em aberto a demonstração sobre os males causados por mulheres, como Pandora citada no segundo capítulo.

Entretanto, durante toda a narrativa, Evie conversa com as detentas e percebe o mal que as levou a cometerem os crimes: de alguma forma, todas possuíam em seus históricos algum tipo de violência masculina.

Perto do alto da testa de Ree havia uma cicatriz que parecia uma marca de grelha, três linhas paralelas fundas. Apesar de Jeanette não saber o que tinha provocado a cicatriz, podia adivinhar *quem* a tinha feito: um homem. Talvez o pai dela, talvez o irmão, talvez um namorado, talvez um cara que ela nunca tivesse visto antes e nunca veria. Dentre as detentas do Instituto Penal de Dooling havia, para dizer com delicadeza, poucas histórias de vencedoras de prêmios, mas muitas histórias com homens maus (KING; KING, 2017, p. 22).

Em outras passagens, a força do homem como causa de um mal maior se evidencia e Evie se torna a emissária do novo mundo no qual as mulheres irão acordar. Sua força sobrenatural atrelada à Mãe natureza permite, segundo ela, estar em todos os lugares, como uma maneira de se equipar a Deus, onipresente e onisciente.

E Evie estava quase em todos os lugares. Era uma mosca no 767, descendo até o fundo de um copo alto e molhado [...] A mariposa que voava em volta da luz fluorescente no teto da cela de prisão de Nell Seeger e Celia Frode também era Evie. Ela estava visitando o Tribunal de Coughlin, atrás da grade do duto de ar no canto da sala de reuniões, onde espiava pelos olhos

pretos e brilhantes de um rato. No gramado da Casa Branca, como formiga [...] Na floresta onde Jared fugia dos perseguidores, ela era uma minhoca embaixo dos pés dele, furando a terra, cega e com muitos segmentos. Evie andava por aí (KING; KING, 2017, p. 168).

Para a personagem, estar presente em muitos lugares significa ter controle da situação. Situação em que se acredita ser necessária a eliminação da equação homem/mulher para reiniciar o mundo novamente, para que assim ambos os sexos fossem vistos de igual para igual. Da mesma forma que afirma ser mulher como qualquer outra amada pelos homens, defende em seguida que falar em “amor é uma palavra perigosa quando vem de homens” (KING; KING, 2017, p. 679) Quando proclama isso, pedem o que ela pensa dos homens: “Armas. Arrogância. Visão limitada. Vergonha e falta de vergonha. E mais armas” (KING; KING, 2017, p. 686). Para ela, o sexo masculino se move pela ideia de poder a qualquer custo, seja pela violência, seja pela prepotência, seja pela forma de ver as mulheres.

Ela, como ser mítico, conta de si ao ter nomes indizíveis e não ter idade certa. Ironiza quando perguntam-lhe se sabe o motivo de estar na prisão, por ter assassinado dois homens. “Para conhecer Deus, amar Deus e servir a Deus” (KING; KING, 2017, p. 144) Essa passagem implica o descontentamento da personagem quanto ao papel que lhe foi dado, de ser submissa ao homem e servir a ele e a seu deus. Como proposta de um novo mundo, vem como mensageira que precisa conciliar os seres humanos entre si na forma de uma maldição às mulheres. É nessa busca pela harmonia que ela jura ter a solução pelo deus dos homens e pelos demais deuses, reconciliando-se com a criação. Uma personagem que simplifica o amor por ser mulher e que, pela história, torna-se sofrimento. O modo de encarar o papel feminino hoje é o que muda uma mulher: aceitar se amar, ou aceitar sofrer.

A personagem vira símbolo de uma libertação. Entretanto, pela escolha do retorno, Evie chora pela decisão de suas herdeiras. Esse choro demonstra a tristeza do que foi decidido. Para ela, uma chance de recomeço era necessária para a reestruturação da sociedade e as mulheres acabam não optando corretamente. Seu descontentamento era visível, mas sua lembrança fica presente naquelas que se questionam após o retorno – o que elas se tornaram: “Decididas a melhorar. Decididas a sermos mais fortes. Prontas para fazer o que precisarmos fazer” (KING; KING, 2017, p. 709). Uma lembrança que significa a necessidade de serem melhores, mas em que aspecto? Com toda uma carga histórica em que, de alguma forma, mostraram suas forças, não seria justo existir algo a ser melhorado. A herança de Evie acaba sendo a contínua luta pelo direito e pelo espaço que lhes fora negado e que não deve ser jamais interrompida.

4.2 SOBRE A SOCIEDADE ADORMECIDA: UM SEXISMO ESTRUTURAL

Rosiska Darcy de Oliveira (2013), ao tratar de um feminino emergente, retoma alguns pontos a respeito da dicotomia homem/mulher, em que fala de um princípio da separação e da diferença que mantém esse dualismo sexualizado. Esse se torna o paradigma de todos os paradigmas, que sempre estruturou o mundo por essa dicotomia sexual: “Constituem-se um mundo de homens e um mundo de mulheres, lado a lado mas comunicáveis, e seus traços característicos tornam-se cada vez mais nítidos” (OLIVEIRA, 2013, n. p.).

Consoante Simone de Beauvoir *apud* Oliveira (2013) apresenta a justificativa biológica para a segregação sexista, em que a forma natural da mulher molda e fixa seu destino. A biologia torna-se a forma hierárquica de estruturar a sociedade, deixando o feminino sempre relegado a traços de sua feminilidade natural. Acaba, então, tornando-se o lado obscuro da sociedade.

Em *Belas adormecidas* (2017), o mundo de antes e durante o sono das mulheres é apresentado aos leitores por muitas falas e pensamentos machistas dos personagens masculinos. Um guarda da prisão, Don Peters, pode ser considerado o estereótipo sexista proposto pelos autores. Ele acaba sendo demitido do presídio por assédio sexual, porém acredita que nada do que fez é errado:

Nenhum homem sensato, claro, o teria culpado. [...] Era tão errado se aproveitar um pouco de vez em quando? Pelo amor de Deus, antigamente, se você não metesse a mão na bunda de uma garçõete, ela ficava decepcionada. Se você não assobiasse para uma mulher na rua, ela ficava se questionando para que tinha se dado ao trabalho de se arrumar. Elas se arrumavam para mexerem com eles, isso era fato. Quando foi que a espécie feminina mudou tanto? Não se podia mais nem elogiar uma mulher. E era isso que um tapinha na munda e um aperto nos peitos era, não era? Uma espécie de elogio. Tinha que ser bem burro para não ver isso. Se Don apertasse o traseiro de uma mulher, ele não fazia porque o traseiro era feio. Fazia porque era um traseiro de qualidade. Era uma brincadeira, só isso (KING; KING, 2017, p. 212).

O guarda sempre foi um problema na prisão e, com mais evidências, torna-se uma satisfação da diretora mandá-lo embora. Mesmo prevendo sua demissão, ele ainda se defende sobre o assunto:

A prisão era difícil para uma mulher com sexualidade saudável. Tinha mais vegetação rasteira do que em uma selva e nenhuma lança. As atrações eram inevitáveis. As necessidades não poderiam ser negadas. A garota Sorley,

por exemplo. Podia ser totalmente inconsciente da parte dela, mas de alguma maneira, ela o queria. Enviou muitos sinais: um movimento de quadril na direção dele a caminho do refeitório; a ponta da língua passando pelos lábios [...]; um olharzinho safado de vem cá por cima do ombro. [...] Mas ele era humano; não podia ser culpado por sucumbir às vontades masculinas normais (KING; KING, 2017, p. 212, grifo nosso).

A justificativa da maioria está na biologia, nas vontades inatas do homem de ser quem ele nasceu para ser: naturalmente poderoso sobre o corpo feminino. Essa força passa a ser maior por haver esse instinto natural do homem, do qual ele não pode escapar, nem se defender; ele somente ataca.

Da mesma forma que Peters pensa, temos a conversa de três adolescentes que, antes de saberem da Aurora, comentam sobre a possibilidade de haver alguma coisa que fizesse as mulheres dormir imediatamente para que pudessem transar com elas. A resposta de um deles é afirmar a existência do “Boa noite, Cinderela,” droga usada na manipulação de bebidas para dopar mulheres e, geralmente, estuprá-las. Mais adiante, na história, temos um desses garotos mortos por uma das mulheres que ele tentou atacar sexualmente; ela, em estado sonâmbulo, mata-o ferozmente. A visão limitada pelo sexismo estrutural é tão marcante no mundo de antes, que uma mulher, enquanto assiste ao telejornal e reconhece a repórter que cuidava quando criança como uma linda mulher, afirma que ela conseguiria seduzir qualquer pessoa, pois “até políticos de grande porte podiam ficar hipnotizados por um vislumbre de coxa” (KING; KING, 2017, p. 66).

Outro personagem apresentado é Frank Geary, um pai preocupado com sua filha, porém agressivo e com problemas de raiva. Sua ex-esposa pede o divórcio em razão da forma como ele reage às coisas, sem saber se controlar em momento algum, assustando inclusive a filha ao dar socos na mesa e deixar uma parede com um buraco. Um abusador psicológico que não enxerga o modo como trata aqueles a quem ama. Seu pensamento sobre homens e mulheres é percebido quando fala da filha também:

Nana gostava de se sentar perto dele na cadeira de balanço e fazer o dever de casa. Quando estava inclinada sobre os livros com o cabelo escondendo o rosto, ela parecia para Frank uma garotinha do século XIX, da época em que essas coisas entre homem e mulher eram bem mais simples. Naquela época, se você dissesse para uma mulher o que ia fazer, ela concordava ou ficava de boca calada. Ele se lembrou de uma coisa que seu pai tinha dito para sua mãe quando ela protestou pela compra de um cortador de grama novo: Você cuida da casa. Eu ganho dinheiro e pago as contas. Se você tiver algum problema com isso, pode falar (KING; KING, 2017, p. 273, grifo do autor).

São os desejos de ter controle sobre as mulheres e mantê-las em silêncio. Ao comparar a filha, fica exposta sua intenção de que ela fosse uma menina do século XIX, sem direitos, somente com deveres. Quando os casos da Aurora chegam até Dooling, os traços da masculinidade tóxica começam a ser lidos durante a narrativa. À xerife do condado, Lila Norcross, houve as insinuações de ser uma mulher naquele posto, o que não foi previsto como algo bom para um lugar do interior. Nos noticiários, o leitor fica sabendo da situação do mundo: ataques à Casa Branca, a supermercados, tudo provocado pela população masculina. Para todos, ficava a pergunta: por que eles estavam se rebelando? Ao surgir uma notícia falsa sobre a contaminação dos casulos, houve a criação das Brigadas do Maçarico, homens que passaram a queimar os casulos das mulheres para não proliferar ainda mais a doença do sono. A noção de que aquele seria um mundo de homens até todos terem morrido se tornou uma preocupação, pois, sem mulheres, não haveria mais nascimentos.

Em uma reunião de bar em Dooling, os homens começam a discutir sobre os motivos que teriam feito o fenômeno ocorrer:

As mulheres voaram alto demais [...] Querem saber o quanto o sexo frágil mudou? Olhem cem anos para trás! Elas não podiam votar! As saias iam até os tornozelos! Elas não tinham controle de natalidade e, se fizessem aborto, iam para um beco qualquer para fazer, e se fossem pegas, iam presas por assassinatos! Agora, elas podem fazer em qualquer hora e lugar que queiram! Graças à porra do Planejamento Familiar, o aborto é mais fácil do que comprar um balde de frango frito KFC e custa a mesma coisa! Elas podem concorrer à presidência! [...] Podem se casar com lésbicas! Se isso não é terrorístico, eu não sei o que é (KING; KING, 2017, p. 346, grifo do autor).

Pela vestimenta e pela religiosidade, o mesmo homem proclama para todos ouvirem enquanto bebem:

Elas podem se vestir como homens, essa é a maior prova! Cem anos atrás, uma mulher não usaria calça nem morta, a não ser que fosse amazona, e agora elas podem usar em qualquer lugar! [...] você acha que um homem, um homem natural, não um daqueles travestis de Nova York, seria visto nas ruas de Dooling de vestido? Não! Eles seriam chamados de malucos! [...] Mas as mulheres, elas agora podem fazer das duas formas! Elas esqueceram o que a Bíblia diz, que uma mulher tem que seguir o marido em todas as coisas, costurar, cozinhar, ter filhos, não estar na rua em público usando calças apertadas! Se elas fossem iguais aos homens, talvez tivesse ficado tudo bem! (KING; KING, 2017, p. 347).

Conforme as palavras são proclamadas, cabeças e vozes concordam. É o velho discurso, já visto, sobre o lugar das mulheres na sociedade e na família. Sem voz para se

posicionarem, elas permaneceram no esquecimento e, quando conquistaram seus direitos, ainda foram julgadas por aqueles que não acreditam na força do poder e das habilidades femininas. Em contrapartida, há um homem na multidão que exhibe o outro lado da Aurora, não percebido pelos homens:

[...] as mulheres realmente superaram os homens em certos aspectos, ao menos na sociedade ocidental, e admito que fizeram isso de formas mais importantes do que conquistando a liberdade de ir fazer compras no Walmart sem espartilho e com rolinhos no cabelo. Imaginem que essa, vamos chamar de peste, por falta de palavra melhor, imaginem que essa peste tivesse acontecido ao contrário e fossem os homens que adormecessem e não acordassem? [...] As mulheres poderiam recomeçar a raça humana, não poderiam? Claro que sim. Existem milhões de doações de esperma, bebês congelados em espera, armazenados em instituições por todo esse nosso grande país. Dezenas e dezenas de milhões por todo o mundo! O resultado seria bebês dos dois sexos! [...] as mulheres poderiam continuar a se reproduzir por gerações, possivelmente até a Aurora seguir seu curso (KING; KING, 2017, p. 348, grifo do autor).

Quando apresentada uma justificativa biológica, novamente percebemos a apreensão dos homens quanto à ausência do sexo feminino, entretanto com o intuito de reproduzir a espécie – sem permissão de liberdade de escolha.

Ainda, um dos adolescentes e Don Peters resolvem fazer um jogo enquanto patrulham a cidade:

“Era chamado Mulheres Zumbis. Don tinha o lado esquerdo da rua porque estava dirigindo; o de Eric era o direito. Eles ganhavam cinco pontos por mulheres velhas, dez por mulheres de meia-idade, quinze por crianças (não tinha mais quase nenhuma dessas no sábado, nenhuma naquele dia) e vinte por gostosas” (KING; KING, 2017, p. 404)

Um jogo de objetificação da mulher, em que eles incluem até mesmo as crianças. Para eles, a forma de diversão é brincar com elas, e eles seguem com tais propostas ao decidirem incendiar uma moradora de rua. Após a tentativa de estupro citada anteriormente, tudo vira brincadeira. Por diversão, estupram. Por diversão, matam.

É nesse dualismo sexualizado que o mundo de antes é apresentado, com a definição masculina daquela sociedade, em que as críticas quanto à posição da diretora do presídio feminino e da xerife da cidade são construídas. Aquele vírus era uma “prova de que Deus estava com raiva do feminismo” (KING; KING, 2017, p. 309). O feminismo, assim, passa a ser motivo de fúria divina, sendo uma consequência natural as investidas do movimento em propor igualdade.

4.3 SOBRE A COMUNIDADE DELAS: UMA DESCONSTRUÇÃO PATRIARCAL

A doença do sono começou no mesmo dia do aparecimento de Evie na cidade de Dooling. Muitas mulheres nem chegaram a acordar, pois encontravam-se dormindo quando a Aurora começou. Nas palavras de Oliveira (2013), a mulher sempre foi definida pelo discurso masculino, como também seu lugar de pertencimento, seu papel, sua imagem e sua identidade. Para elas redefinirem o conceito em si, encontrarem-se no mundo sem a influência dos posicionamentos masculinos já estruturados historicamente na sociedade, foi necessário o renascimento em outro espaço, aqui dado pelo acordar em um lugar semelhante à cidade anterior, porém toda destruída pelo tempo. Esse cenário pós-apocalíptico com o qual elas se deparam pode simbolizar o que ocorreu após a solidão masculina, o caos instaurado pelos homens quando sozinhos no mundo. Elas foram se adaptando

“As mulheres começaram a chamar de ‘lugar novo’ porque não era mais Dooling, ao menos não a Dooling que elas conheciam. Mais tarde, quando começaram a perceber que poderiam ficar ali por muito tempo, começaram a chamar de Nosso Lugar. O nome pegou” (KING; KING, 2017, p. 407).

Ao criarem uma utopia, conforme outras mulheres iam chegando e relatando sobre o mundo de antes, elas perceberam que o tempo passava de forma diferente no Nosso lugar, o que possibilitaria a nova configuração de comunidade. Entre si, passaram a perceber o quanto eram capazes de inovar, sobreviver, percebendo o valor de um poder adormecido. A construção da comunidade foi entre um consenso, em que cada uma foi útil ou compartilhou algum conhecimento para o bem de todas.

Um grupo de caça e coleta foi formado. [...] elas nunca chegaram perto de passar fome. Havia um grupo agricultor, um grupo construtor, um grupo de cuidados com a saúde e um grupo educador para dar aulas às crianças. [...] E havia as Reuniões. Elas aconteciam uma vez por semana, no começo, depois duas, e duravam uma ou duas horas. Apesar de acabarem sendo extremamente importantes para a saúde e o bem-estar das mulheres que moravam em Nosso Lugar, elas começaram a acontecer quase por acidente (KING; KING, 2017, p. 410).

O espaço que construíram soube manter todas em ordem, em harmonia. Elas aprenderam, de certa forma, a serem autossuficientes. No entanto, nas Reuniões, surgiam saudades dos pais, dos avôs, dos maridos, dos filhos¹⁷. Além das faltas referentes ao antigo

¹⁷ As meninas adormeceram junto com suas mães. No entanto, os meninos permaneceram acordados junto com os demais homens. Foram relatados casos de mães que, após dormirem, levavam seus filhos meninos para a

mundo, elas começaram a se perguntar o que as teria levado ali e por qual motivo: “Foi magia? Foi um experimento científico que deu errado? Foi desejo de Deus? A continuação da existência delas era recompensa ou punição? Por que elas?” (KING; KING, 2017, p. 411). Sem respostas aparentes, o curso da vida no Nosso Lugar foi se dando calmamente, sem muitas transformações. Contudo, elas sentiam algo mudando dentro delas, a noção de submissão não era mais a mesma.

A ambição de muitas no mundo de antes pode ser satisfeita de alguma forma, fosse mais precária do que poderia ser. O desejo de uma das mulheres de antes de ter um restaurante se concretizou em um esquema de trocas de alimentos; antes, o marido, policial de Dooling, não permitia: “Eu sempre quis tentar ter um restaurante[...], mas Terry nunca quis que eu trabalhasse. Disse que deixaria ele preocupado, Terry nunca conseguiu entender como era chato ser uma peça de porcelana em um armário” (KING; KING, 2017, p. 417). E a vergonha tomava lugar para aquelas que sentiam estar indo contra os maridos, mesmo na ausência deles. Ainda assim, sentiram-se parte de um mundo onde eram “necessárias e floresciam” paulatinamente.

Ao considerar o movimento feminista como fator de cultura, Oliveira (2013, n. p.) prevê que “reconstruir o feminino é o destino do movimento da mulher”. Se encararmos o enredo de *Belas Adormecidas* (2017), percebemos o quanto elas se transformaram em suas melhores versões para suportar o Nosso Mundo. Da mesma forma que, para Oliveira (2013, n. p.), “a presença dos homens no mundo das mulheres trará uma possibilidade assimétrica de reconstrução do masculino”, algumas mulheres, no novo lugar onde acordaram, continuaram grávidas e os primeiros bebês que nascerem foram meninos. A ideia de poder educá-los sem a interferência masculina é bastante contemplativa de um futuro com base matriarcal, o que seduz muitas a acreditarem nessa utopia de não existir mais assédio, nem poderio patriarcal, nem sexismo.

A malignidade dos homens se confirma quando algumas mulheres começam a desaparecer e constata-se que foram queimadas no outro mundo dentro dos casulos:

E homens as queimaram. Ela tinha certeza. Era assim que a história delas terminava. Quando se morria lá, se morria ali também. Os homens as arrancaram do mundo, de dois mundos. Homens. Parecia não haver como fugir deles (KING; KING, 2017, p. 458).

A referência às fogueiras acesas nos tempos da Inquisição para aquelas consideradas bruxas deixa explícito o medo desse destino, do fogo as consumir novamente, mesmo que em

peessoa mais próxima, com o intuito de não os machucar e para que fossem cuidados. Chamaram o fenômeno de Instinto Materno, ou Reflexo do Cuidador (KING; KING, 2017, p. 141).

um mundo diferente. Da mesma forma que as consideraram feiticeiras, bastava uma faísca para acabar com suas existências.

A consistência da comunidade se estabelece com o passar do tempo, em que todas elas possuem seu papel real para o convívio comum:

Temos duas médicas e algumas enfermeiras. Temos uma veterinária. Temos algumas professoras. [...] Temos uma carpinteira. Temos duas musicistas. Temos uma socióloga que já está escrevendo um livro sobre a nova sociedade. [...] Temos aquela professora de engenharia aposentada da universidade. Temos costureiras e jardineiras e cozinheiras aos montes. As moças do clube do livro estão organizando um grupo para que as mulheres possam conversar sobre as coisas de que sentem falta e afastar um pouco da tristeza e da dor. [...] Nós somos tudo de que precisamos. [...] Foi por isso que fomos escolhidas. Todas as habilidades básicas de que precisamos estão aqui (KING; KING, 2017, p. 405-406).

Elas eram autossuficientes. Com um pouco de cada uma, tinham como reconstruir do zero para sobreviver. E, aos poucos, aprender a viver. Porém, com toda a mudança construída, a possibilidade de voltar as deixa alertas, principalmente uma mãe apreensiva com o retorno para que sua filha não sofresse os acessos de raiva do pai. A filha de Frank Geary tinha a mãe para defendê-la, a qual estava preparada para manter sua pequena segura a qualquer custo. Para ela,

[a]quele mundo era muito melhor do que o antigo, comandado por homens. Ninguém gritava com ela ali e ninguém gritava com Nana. Ninguém as tratava como cidadãs de segunda classe. Aquele era um mundo em que uma garotinha podia voltar andando para casa sozinha, mesmo depois de escurecer, e se sentir segura. Um mundo em que o talento de uma garotinha podia crescer junto com os quadris e os seios. Ninguém o poderia [...] (KING; KING, 2017, p. 558).

Uma mãe preocupada, porém egoísta diante uma comunidade inteira que almejava reencontrar os filhos, os pais, os maridos. Ao decidir acabar com essa chance, ela resumiria o egoísmo dos homens. A possibilidade de retorno é uma esperança para aquelas que acreditam já ter sido transformadas. Por serem encobertas por casulos, transmutam-se no processo de ressignificar-se. Em nenhum momento, há alusão a borboletas, somente às mariposas. Elas não se libertam para serem suas melhores versões, mas sim para serem reflexos no antigo mundo daquilo que poderiam ser diferentes. A diferença não é garantia de algo bom.

A proposta de retorno ao mundo de antes vem pela emissária, Evie Black, com uma regra a ser seguida: se somente uma delas não concordar em voltar, todas ficam em Nosso Lugar.

Se vocês ficarem aqui, todas as mulheres, de Dooling a Marrakesh, vão aparecer neste mundo, no lugar onde adormeceram. Livre para recomeçar. Livres para criar os filhos como quiserem. Livres para viver em paz. É um bom negócio, ao menos aos meus olhos. Mas vocês podem ir. E, se forem, todas as mulheres vão acordar onde adormeceram no mundo dos homens. Mas todas vocês têm que ir. (KING; KING, 2017, p. 690)

A decisão está totalmente nas mãos delas, que decidem fazer um júri. As opiniões são ouvidas. Em sua maioria, as mulheres querem retornar pelos filhos que ficaram; a maternidade fala mais alto. Apesar de o Nosso Lugar ser melhor que o antes, algumas afirmaram que ali não era o lugar delas: “É melhor aqui [...] Mas não é Nosso Lugar de verdade. É outro lugar. E quem sabe, talvez tudo que aparentemente aconteceu lá vá tornar aquele lugar melhor” (KING; KING, 2017, p. 693). Por sentir falta do pai, a filha de Frank Geary é o motivo de retorno de sua mãe. No entanto, ao apresentar uma justificativa com raízes sexistas, uma das adolescentes afirma querer se apaixonar: “Eu quero descobrir como é me apaixonar de verdade por um garoto [...]. Eu sei que o mundo é mais fácil para os homens, e isso é horrível, é injusto, mas quero uma oportunidade de ter uma *vida normal* como sempre esperei ter [...]” (KING; KING, 2017, p. 693, grifo nosso) A fala dela remete à normativa da família tradicional, o que nos leva ao sexismo estrutural em nossa sociedade. Mesmo no reconhecimento da diferença entre homens e mulheres, a estrutura patriarcal está internalizada. Eis a dúvida: é um desejo, de fato, da adolescente, ou uma imposição da sociedade que a faz pensar nisso quando defrontada? O que se constitui é um egoísmo que ela mesma afirma, mesmo sabendo da decisão coletiva a ser tomada, em que a dela poderia ser contrária ao retorno e ser o bloqueio de vida àquelas que almejam ver seus filhos.

Algumas das justificativas acabavam por apresentar um pensamento a respeito da identidade masculina, mas que, ao final, reduziam-se ao retorno para o mundo. Uma mulher aponta a falta do marido, pois ele era um “ótimo sujeito”, que “fazia a parte dele”, a “incentivava”. Todas as palavras apontam para uma convivência com o masculino em que ele apenas faz o que deveria ser de praxe, sem a necessidade de pontuar essa presença como uma boa pessoa. Outra mulher fala de seu parceiro de música, que não é uma das melhores pessoas, porém eles tinham uma conexão sintonizada, sendo ele a letra, ela a música. A saudade de casa fala alto para a maioria, como citado anteriormente. No entanto, o que espanta é o posicionamento de uma delas, Carol: “Minhas experiências com homens foram cem por cento péssimas, mas eu não fui feita para começar de novo em um novo mundo. Talvez eu seja covarde por isso, mas não posso fingir” (KING; KING, 2017, p. 694). Essa isenção de responsabilidade e de vontade de reiniciar aponta ao feminino conivente, cansado e

indisposto a mudar alguma coisa nessa possibilidade de transformar um novo conceito de sociedade.

Os pensamentos da xerife Lila nos apontam a influência que ela tinha perante as outras mulheres. Se ela fosse perspicaz em argumentos, faria com que todas ficassem e enxergassem a oportunidade. Mas uma das informações que nos é dada está na forma como ela vê essas mulheres agora: “Vocês [...] nunca vão ser o que foram, e o que eles esperam, porque parte de vocês vai sempre estar aqui, onde são *verdadeiramente livres*. Vocês vão carregar Nosso Lugar [...] de agora em diante e, por causa disso, sempre vão deixar eles confusos” (KING; KING, 2017, p. 695, grifo nosso). A expressão em destaque mostra o estar acorrentado no mundo de antes, em que essa liberdade permanece com elas internamente. O que fica é a dúvida de se elas serão livres no retorno ao mundo.

Ao considerar os pontos a respeito do movimento feminista para a análise do enredo de *Belas Adormecidas* (2017), partimos das informações dadas ao leitor sobre o que ocorre após a decisão das mulheres acerca da volta. Com a destruição de muitas estruturas e a morte de muitos pais e mães, o que marca o retorno são os espaços para cuidados das crianças órfãs, em que os homens investem financeiramente e muitas mulheres largam suas posições e cargos para ajudar os pequenos. A xerife Lila é uma dessas mulheres, o que se torna algo inesperado, já que, em uma de suas considerações sobre ser xerife, ela relaciona o cargo com a maternidade, algo que deve ser feito com pulso firme e também com zelo sob todos os envolvidos nesse trabalho.

Essa forma de passar a cuidar das crianças vincula-se ao papel social e aos primeiros trabalhos sociais que as mulheres realizavam no século XIX, em que o trato com os idosos, doentes e crianças tornou-se um dos marcos de entrada das mulheres no mercado de trabalho. Embora isso aparente um reinício, acaba sendo um retrocesso diante do todo conquistado, um passo dado para trás na reconstrução daquela sociedade que, na ausência delas, foi destruída pela ação inconstante masculina. Em tempos de guerra, quem limpa os campos de batalha são elas, conforme Oliveira (2013) pontua. De certa forma, aceitar o retorno às sombras torna-se a resposta delas, que tinham a lembrança do Nosso Lugar dentro de si. Elas não se libertam, elas se aprisionam por seus instintos naturais. A biologia vence.

5 CONSIDERAÇÕES: DAS CERTEZAS FEMINISTAS, PALAVRAS FINAIS

Quando pensamos na análise de um livro para uma dissertação, surgiram questionamentos acerca da validade para a sociedade. A finalidade permeia-se de dados bibliográficos que podem não influenciar na construção prática de algo produtivo para o mundo. Nesses casos, a arte não se justifica, somente existe como reflexo de seu criador e a incidência do sujeito que recebe o produto final em contemplar, imergir, estar integrado ao meio cultural. A arte pode sensibilizar o mundo, pode transformar histórias e habita no íntimo daquele ser que se vê sozinho e passa a estar envolvido por se ver, por se identificar.

Analisar sob uma perspectiva filosófica, por um movimento social, por uma história ocultada pode significar, além de se manter bibliográfica. Em *Belas Adormecidas* (2017), escrita por Stephen e Owen King, podemos perceber o quanto a influência de um movimento faz carga em cima da postura social, do comportamento atemporal necessário para compreender a narrativa. Quando proposta a investigação dessa história, de um mundo sem mulheres e de um somente delas, a provocação sob aspectos históricos e feministas considerava o enredo como uma ficção com elementos míticos e sobrenaturais que causaram tal doença, mas, para a análise final, não fariam diferença para a constituição da sociedade de antes e a formada por mulheres. O oposto se deu; principalmente, a personagem mítica que faz referência à Eva do Jardim do Éden mostra o quanto esse arquétipo ainda influencia no pensamento ocidental e quanto a personagem se mostra um símbolo de dor das mulheres submissas na história.

Além da influência distópica, o objetivo de investigar as nuances do feminino e das forças feministas dentro da obra pode ser contemplado e finalizado em algumas considerações

a serem feitas sobre o enredo, pois, com uma chance de recomeço, as mulheres adormecidas decidem retornar ao mundo de antes. Ao consideramos o que Oliveira (2013) sugere a respeito de um feminino em ascensão, somos direcionadas à compreensão da escolha desse retorno diante de uma de suas falas:

Pelas veredas da dúvida, da angústia, da divisão, voltamos hoje ao ponto de partida. Não para o arrependimento da ousadia e a penitência do erro. *Não há caminho de volta para as mulheres*, nós não o queremos nem a sociedade moderna propõe. Voltamos ao ponto de partida no sentido de que, exatamente porque fizemos a travessia do mundo dos homens, porque conhecemos suas normas e seus valores, estamos mais bem situadas para revalorizar *nosso* mundo, *ossos* valores, não para nos refugiarmos neles, mas para repensar sua contribuição para um novo desenho da convivência entre os sexos e, por extensão, para um novo perfil civilizatório. (OLIVEIRA, 2013, n. p.).

Para a autora, não basta, como queria a personagem Evie Black, apagar a equação homem/mulher ou um sexo sumir para o outro ascender; esse caminho de exclusão não é mais possível, haja vista todos os avanços condicionados pelo feminismo na sociedade. A escolha de voltar passa a ser o retorno ao todo que pode transformar. A escolha é justificada; os efeitos dela, não. Nessa ficção, elas voltaram para serem menos, para permitirem suas habilidades naturais de cuidado e preservação. Apesar de todos os direitos já conhecidos, não há o mínimo sinal de luta para isso. Mas há a internalização da liberdade sentida e vivenciada no nosso lugar. O sentimento está lá. Será que futuramente seria acordado como elas foram? Na melhor versão delas mesmas, tornaram a liberdade seus casulos.

Pela História das mulheres, vimos com Michelle Perrot (2005), principalmente, todo o lugar de não pertencimento público dado às mulheres e como sua privação de liberdade se tornou a abstenção de identidade alguma. Por não saberem quem eram e o que de fato queriam, nunca souberam lutar por aquilo que lhes era de direito: a chance de serem ouvidas, de serem vistas não como objetos, mas como seres iguais aos homens. Por justificativas incabíveis, seu corpo foi a causa de males e ruínas, foi razão de habilidades não desenvolvidas, de talentos não descobertos. Pelas profissões que as naturalizaram ainda mais, puderam avançar, paulatinamente, aos espaços públicos, saindo das sombras, entretanto sendo ainda consideradas seres imorais por sua beleza. Quantas delas não se omitiram devido às suas “inaptidões” biológicas?

Encarar as personagens pela escolha de um coletivo tornou-se necessário para entender o todo construído antes e depois de uma influência distópica. O modo como aprenderam a conviver e perceber suas capacidades vai ao encontro do que não foi permitido

na história que as mulheres descobriram e viveram. Em Nosso lugar, elas puderam ter a chance de se verem em uma comunidade que estava disposta a lhes ouvir, a lhes dar espaço de atuação, não proibindo nenhum movimento que pudesse diminuir suas identidades. Elas puderam ser quem sentiam ser.

Sobre a autoria masculina desse livro, há certa preocupação dos autores em manter uma neutralidade sob o movimento. Uma das constatações está no arrependimento de um pai sexista e agressivo de se regenerar como bom cidadão pela filha. Uma convivência velada, mascarada pela reabilitação dos problemas de raiva e de seu comportamento. Percebe-se o fato do reconhecimento da luta dos direitos femininos, porém a concordância fica escondida na escolha do retorno com algumas justificativas de um sexismo estrutural. Até mesmo para os autores, o patriarcado deixa marcas pela forma da escrita, pela ausência de posicionamento, pela carência afetiva do retorno das mulheres.

Ressaltar a importância da análise em tempos marginalizados pela ausência de sentido é válido pela forma que falar de políticas feministas são a cada dia mais urgentes. A luta das mulheres não as abraça somente, mas sim contempla um todo que quer ser regido pela harmonia, reconhecimento e igualdade de gênero para todos terem o lugar de fala tão referido nos discursos atuais. Ser feminista não impõe um apagamento da dicotomia sexual, demanda respeito e valorização da identidade de gênero em um mundo tão patriarcal que ainda deixa em dúvida as escolhas internas das pessoas. Ao não serem apresentadas as diferentes visões e lados da história, uma criança pode não saber o que são seus desejos internos reais e o que são ambições implantadas pelo sexismo estrutural. Por encontrarem-se tão internalizadas no imaginário coletivo, não basta reafirmar o feminismo; há necessidade de se educar o mundo pelo posicionamento feminista, palavra que assusta aqueles patriarcas enraizados que temem ser inferiorizados. A desconstrução sexista é um meio de atingir mais conquistas e direitos, ainda que não por um caminho fácil.

Por fim, honrar aquelas que vieram antes, por escritas e falas de mulheres, torna-se presença no cotidiano, pois a visão masculina não será de todo contemplativa da carga histórica e emocional que nós, mulheres, carregamos. Pelos olhos e ouvidos deles já se foi contado por muito tempo a nosso respeito, e a escrita de um livro, por mais ficcional que seja, não possui a totalidade necessária para ser encarada sua historicidade feminina, muito menos sua luta feminista. Pelas muitas esquecidas, por Eva e Lilith, construir um futuro em que meninas e meninos tenham a identidade e o lugar que almejem.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. *Notas de literatura I*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- ARISTÓTELES. *Arte poética*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. *Revista Outubro*, n. 23, 2015. Disponível em: < http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015_1_04_Cinzia-Arruza.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- _____. Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos. *Cadernos CEMARX*, Campinas, n. 10, 2017. Disponível em <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10920>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CÂNDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: _____. *A personagem de ficção*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CRENSHAW, Kimberlé. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. The University of Chicago Legal Forum, Chicago, v. 140, p. 139-167, 1989. Disponível em: <<https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8/>>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- D'ASSUNÇÃO BARROS, J. Marc Bloch e Lucien Febvre: revisitando a primeira geração dos Annales. *Revista Caminhos da História*, v. 17, n. 1-2, p. 197-216, 1 jul. 2012.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FORSTER, E. M. *Aspectos do Romance*. Tradução Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1998.

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. *Mediações*, Londrina, v. 14, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4505/3782>>. Acesso em: 4 jan. 2020.

GRIMAL, Pierre. *Mitologia grega*. Tradução Rejane Janowitz. Porto Alegre: L&PM, 2009.

HARAWAY, Donna. A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century. In: *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*, 1991. Disponível em: <<http://people.oregonstate.edu/~vanlondp/wgss320/articles/haraway-cyborg-manifesto.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2020.

HEGEL. *Estética*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, 2007. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

HOOKS, bell. *Ain't I a Woman? Black women and feminism*. United States, South end Press, 1981.

_____. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Bhuvi Libânio. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KING, Stephen; KING, Owen. *Belas adormecidas*. Tradução Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Suma, 2017.

KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal*. Tradução Rubens Rusche. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

LARAIA, Jorge de Barros. Jardim do Éden revisitado. *Revista de Antropologia*, v. 40, n. 1, 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27065>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2009. (Coleção Espírito Crítico).

NOGUERA, Renato. *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *O elogio da diferença: o feminino emergente*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013. (Recurso eletrônico, formato ePub, n. p.).

ORLOFF, Ann Shola. Gender and the Welfare State. Institute for Research on Poverty. *Discussion Paper*, n. 1082, 1996. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/325605207_Gender_and_Welfare_States>. Acesso em: 3 abr. 2020.

PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais: Arte e decadência de Nefertite à Emily Dickinson*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. Soberania individual e propriedade na pessoa. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1534>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

_____. *The Disorder of Women*. California: Stanford University Press, 1989.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005. Disponível em: <https://www.academia.edu/33466946/As_mulheres_ou_os_sil%C3%A4ncios_da_hist%C3%B3ria_-_Michelle_Perrot.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

_____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Oficinas da história).

_____. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, n. 4, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

_____. *Mulheres públicas*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. da Unesp, 1998. (Prismas).

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de gênero e História Social. *Revistas de Estudos Feminista*, vol. 17, n. 1, 2009. Disponível em : <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100009>> Acesso em 11 nov 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Jandaíra, 2020. (Feminismos plurais).

SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. A.; COSTA, Suely Gomes. A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: Ensaio de Historiografia. *Periódicos UFF, Revista Gênero*. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30986>>. Acesso em: 24 jan. 2020.

TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, n. 3, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

WEBER, Marx. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. São Paulo: Ed. da UnB, 2004. v. 1.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. (Biblioteca Áurea).